

O MUNDO PÓS-ANIVERSÁRIO

LIONEL SHRIVER

O mundo pós-aniversário

TRADUÇÃO DE VERA RIBEIRO



Copyright © 2007 by Lionel Shriver

TÍTULO ORIGINAL

The Post-Birthday World

CAPA

HarperCollins Publishers 2007

ADAPTAÇÃO DE CAPA E MIOLO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DE CAPA

Yo Oura/Getty Images

PREPARAÇÃO

Anna Lee

REVISÃO

Maria José de Sant'Anna

Umberto Figueiredo Pinto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S564m

Shriver, Lionel, 1957-

O mundo pós-aniversário / Lionel Shriver tradução
de Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2009.
544p.

Tradução de: The post-birthday world

ISBN 978-85-98078-65-6

1. Ilustradoras - Ficção. 2. Companheiro conjugal
(Escolha) - Ficção. 3. Romance americano. I. Ribeiro,
Vera. II. Título.

09-5183.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua dos Oitis, 50

22451-050 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

“Ninguém é perfeito.”

— FATO CONHECIDO

Para J.





O QUE COMEÇARA COMO UMA COINCIDÊNCIA tinha se cristalizado numa tradição: no dia 6 de julho, eles jantavam com Ramsey Acton em seu aniversário.

Cinco anos antes, Irina havia colaborado com Jude Hartford, então mulher de Ramsey, num livro infantil. Jude tinha tomado a iniciativa desse convívio social. Abjurando os despreocupados artifícios do gênero precisamos-mesmo-nos-encontrar-um-dia-desses, comuns em Londres, e que podem prosseguir indefinidamente sem nos atravancar a agenda com uma data e um lugar reais, Jude parecera decidida a marcar um encontro a quatro, para que sua ilustradora pudesse conhecer seu marido, Ramsey. Ou melhor: “Meu marido, Ramsey Acton”, diria ela. A locução se destacava. Irina tinha presumido que Jude se orgulhava, à cansativa maneira feminista, de não haver adotado o sobrenome do marido.

Mas, enfim, é sempre difícil impressionar os ignorantes. Ao negociar com Lawrence a perspectiva do jantar, nos idos de 1992, Irina não possuía conhecimento suficiente para mencionar: “Imagine só, a Jude é casada com o *Ramsey Acton*.” Fugindo à regra, podia ser que Lawrence tivesse corrido para buscar sua agenda da *Economist*, em vez de resmungar que, se ela precisava bater papo por razões profissionais, será que ao menos podia marcar um jantar mais cedo, para que ele pudesse voltar a tempo de assistir ao *NYPD Blue*? Sem perceber que lhe haviam legado duas palavras mágicas, capazes de vencer a total hostilidade geral de Lawrence aos compromissos sociais, ela dissera, em vez disso: “A Jude quer que eu conheça o marido dela, Raymond, ou coisa assim.”

Apesar de a data proposta por Irina ter coincidido com o aniversário de “Raymond, ou coisa assim”, Jude insistira em que quanto mais, melhor. Tempos

depois, ao voltar à condição de celibatário, Ramsey deixaria escapar detalhes suficientes sobre seu casamento para que Irina fizesse a reconstituição: passados uns dois anos, ele e a mulher não conseguiam manter uma conversa por mais de cinco minutos. Por isso, Jude tinha acolhido sem pestanejar a chance de evitar um jantar silencioso e melancólico, apenas a dois.

O que Irina achava intrigante. Ramsey sempre lhe parecera uma companhia bastante agradável, e o estranho desconforto que o homem costumava gerar nela própria diminuiria, com certeza, se fosse ela sua mulher. Talvez Jude adorasse arrastá-lo para saídas com o intuito de impressionar os colegas, mas ela própria não se impressionava o bastante com o marido. No *tête-à-tête*, ele a deixava morta de tédio.

Além disso, a desgastante alegria de Jude tinha um toque esquisito de histeria, e seria simplesmente incapaz de decolar — daria um mergulho inevitável no desespero que lhe era subjacente — sem o tal *quorum* de quatro. Se a gente inclinasse apenas meio ouvido para seu discurso alvoroçado, ficava difícil dizer se ela estava rindo ou chorando. E isso apesar de ela rir muito, inclusive durante quase toda a extensão de suas frases, tornando a voz mais aguda à medida que se impelia para uma hilaridade em crescente aceleração, quando nada do que dizia era engraçado. Era um riso compulsivo, defectivo, mais nascido dos nervos que do humor, um recurso de mascaramento e, portanto, meio desonesto. Mas seu impulso de enfrentar com coragem e tolerância o que devia ser uma profunda infelicidade inspirava simpatia. Sua alegria excitada impelia Irina, inversamente, a falar com sobriedade, a manter a voz grave e serena, nem que fosse para demonstrar que era aceitável ser séria. Por isso, se às vezes ela se exasperava com o jeito de Jude, ao menos gostava de si mesma na presença dessa mulher.

Irina não estava familiarizada com o nome do marido de Jude, não conscientemente. Mesmo assim, naquele primeiro aniversário, quando Jude entrara saltitante no Savoy Grill, com Ramsey deslizando a seu lado — já era tão tarde, num casamento que na verdade não passara de um grande erro bem-intencionado, que seu jeito de segurar a mão do marido só podia ser para inglês ver —, com um sobressalto Irina deparou com os olhos cinza-azulados daquele homem alto, experimentando um leve contato de fios eletrizados que mais tarde ela interpretaria como um reconhecimento visual e depois — muito depois — como outro tipo de reconhecimento.

LAWRENCE TRAINER não era um homem pretensioso. Podia ter aceitado uma bolsa de pesquisa num renomado centro de estudos estratégicos de Londres, mas

fora criado em Las Vegas e continuava impenitentemente americano. Mantinha as sílabas tônicas dos Estados Unidos, não as britânicas, chamando “controvérsia” de “*controversy*”, não “*controvery*”, e nunca elidia o som do K, à semelhança dos ingleses, num termo como “horário”, ou “*schedule*”. Por isso, não se apressara a comprar um suéter branco de tranças e barras de tricô, nem a se filiar à liga local de críquete. Mas seu pai era instrutor de golfe e ele herdara um interesse pelos esportes. Era uma pessoa culturalmente curiosa, a despeito de uma veia misantrópica que resistia a jantar com estranhos, se em vez disso ele pudesse assistir a reprises de seriados policiais norte-americanos no *Channel 4*.

Assim, logo no início da expatriação do casal em Londres, Lawrence tinha desenvolvido um fascínio pela sinuca. Ante a suposição de Irina de que esse pasatempo britânico fosse uma variação misteriosa do bilhar, Lawrence se esforçara por informá-la de que ele era *muito* mais difícil e *muito* mais elegante do que o velho e batido Bola Oito. Com suas dimensões de 1,80m por 3,60m, a mesa de sinuca fazia as mesas norte-americanas de bilhar parecerem brinquedos de criança. Era um jogo não só de destreza, mas de complexa premeditação, que exigia de seus mais rematados mestres pensarem em até doze tacadas de antemão, além de desenvolverem uma sofisticação espacial e geométrica que qualquer matemático prezaria.

Irina não tinha desestimulado o entusiasmo de Lawrence pelos campeonatos de sinuca da BBC porque o ambiente do jogo era repousante. O clique-clique vítreo das bolas e o tamborilar civilizado dos aplausos bem-educados eram muito mais calmantes do que os tiros e sirenes dos seriados policiais. Os comentaristas falavam pouco acima do sussurro, com suaves sotaques regionais. Seu vocabulário era sugestivo, embora não francamente obsceno: *entrar no meio das bolas*, *giro profundo*, *beijo duplo*, *vermelha solta*; a preta ficava *disponível*. Embora fosse, por costume, um esporte proletário, a sinuca era conduzida com um espírito de decoro e refinamento mais associados à aristocracia. Os jogadores usavam colete e gravata-borboleta. Nunca diziam palavrões; as manifestações de mau gênio eram não apenas censuradas, como podiam custar uma redução dos pontos marcados. Ao contrário das plateias de arruaceiros do futebol, ou até do tênis — antes reduto de esnobes, porém, ultimamente, tão de baixo nível quanto as corridas de demolição, as *demolicars* —, o público da sinuca ficava em absoluto silêncio durante as partidas. Os fãs tinham bexigas resistentes, porque até sair pé ante pé para ir ao banheiro suscitava a censura pública do árbitro, uma presença austera e de poucas palavras, que usava luvas curtas e imaculadamente brancas.

Além disso, numa ilha cujo litoral era fustigado pelo refluxo da maré cultural dos Estados Unidos, a sinuca ainda era profundamente britânica. Os horários tardios da televisão do Reino Unido podiam estar repletos de reprises de *Seinfeld*, seus cinemas, dominados por *L.A. Confidential*, e seu linguajar local, contaminado, fazendo com que *parceiro* e *camarada* dessem lugar a *cara*, mas a BBC ainda se dispunha a dedicar até doze horas de um dia de transmissão a um esporte que a maioria dos norte-americanos não seria capaz de distinguir do jogo da pulga.

No cômputo geral, portanto, a sinuca constituía um pano de fundo agradável, enquanto Irina esboçava o *storyboard* de um novo livro infantil, ou costurava a bainha da cortina da sala. Depois de adquirir uma confusa capacidade de apreciar o jogo, sob a tutela paciente de Lawrence, vez por outra ela erguia os olhos para acompanhar uma partida. Mais de um ano antes de Jude mencionar o marido, o olhar de Irina fora atraído por certa figura na tela.

Se pensasse no assunto — mas não pensou —, ela teria sabido que nunca o vira ganhar um título. Mas o rosto do homem parecia surgir nas últimas rodadas de quase todos os torneios transmitidos pela televisão. Ele era mais velho do que a maioria dos jogadores, que tendia a estar na casa dos vinte anos; algumas rugas severas no rosto longo e facetado só podiam situá-lo além dos quarenta. Mesmo para um esporte com tamanha ênfase na etiqueta, o porte dele era de uma sobriedade ímpar; o homem tinha boa postura. Visto que, em certa medida, a retidão dos jogadores de sinuca era só aparência (Lawrence lhe garantia que, fora da mesa, aqueles cavalheiros não apreciavam o chá Earl Grey com sanduíches de pepino), muitos deles criavam pança e, ali pelos trinta anos, tinham um aspecto vivido e acabado. Num jogo de grande habilidade, era comum seus braços ficarem flácidos e as coxas, amolecidas e sem forma. Mas esse sujeito era esguio, de ombros retos e quadris estreitos. Sempre usava uma clássica camisa branca engomada, gravata-borboleta preta e um colete pérola peculiar — um traço característico, talvez, primorosamente pespontado de fios de seda branca cuja filigrana fazia lembrar algumas hachuras trabalhosas das ilustrações da própria Irina.

Quando eles foram apresentados no Savoy Grill, Irina não reconheceu Ramsey da televisão. Ele estava fora do contexto. Brilhante em matéria de nomes, rostos, datas e estatísticas, Lawrence desfez prontamente a incômoda sensação intrigada de Irina, que não sabia por que o marido de Jude lhe parecia familiar. (“Por que você não me *contou*?”, exclamou ele. Era raro o dia em que Lawrence Trainer se mostrava obsequioso.) Imediatamente o nome *Ramsey Acton* fez com que se

abrisse um arquivo inteiro sobre um homem que parecia ser um ícone do jogo, embora fosse uma espécie de remanescente da geração anterior. Tomado de empréstimo do *smash* usado no basquete norte-americano, o apelido de Ramsey no circuito, “Swish”, que remetia a zunido, homenageava sua propensão a matar as bolas com tacadas tão limpas que elas nem se encostavam às bordas da caçapa. Seu estilo de jogo era conhecido pela velocidade e fluidez; ele era um jogador impetuoso. Profissional fazia vinte e cinco anos, era famoso, se é que se pode ser famoso por uma coisa dessas, por *não* ter vencido o Campeonato Mundial — apesar de ter participado de cinco finais. (Em 1997, já eram trinta anos e seis finais — e nada de campeonato.) Num piscar de olhos, Lawrence aproximou mais a cadeira da de Ramsey e engatou uma conversa animada, que não admitia intromissões.

Irina havia dominado o básico: certo, o sujeito alternava entre encaçapar a vermelha e matar uma bola de outra cor. As vermelhas encaçapadas ficavam no buraco; as de outras cores voltavam para suas marcas. Retiradas as vermelhas, as outras iam para a caçapa numa ordem predeterminada. Não era muito difícil. Mas, se ela sempre ficava meio em dúvida, sem saber se a marrom ou a verde devia ir primeiro, era improvável que prendesse a atenção de um profissional numa especulação cativante sobre o assunto. Lawrence, ao contrário, havia dominado as normas mais obscuras do esporte. Assim, quando ele foi aumentando a eloquência a respeito de uma famosa “bola preta recolocada”, Swish lhe conferiu um apelido de sua própria lavra: “Homem-anoraque”. Com o significado literal de agasalho, de parca deselegante, a expressão tinha para os britânicos o sentido figurado de baratinado ou obsessivo, *anoraque* era a designação abreviada daquelas pessoas que ficavam observando e anotando as chegadas e partidas de trens ou aviões, ou de qualquer outra pessoa que decorasse os nomes dos dez maiores jogadores internacionais de dardos, em vez de tratar da própria vida. Mas o pejorativo gentil foi claramente cunhado com afeto. Para satisfação de Lawrence, Homem-anoraque pegou.

Irina sentiu-se excluída. Lawrence tinha mesmo uma tendência a assumir o controle das situações. Irina poderia descrever-se como retraída ou calada, nos momentos mais sombrios, tímida. Como quer que fosse, não gostava de brigar para ser ouvida.

Quando ela e a amiga se entreolharam nessa noite, Jude revirou os olhos para o alto, num gesto um tiquinho mais rabugento do que *Oh!, esses garotos se portando como garotos*. Jude havia conhecido o marido em seus tempos de jornalista,

quando fora designada para fazer uma matéria promocional para a revista *Hello!*, nos anos oitenta, e Ramsey era uma estrela menor em ascensão; na entrevista, os dois tinham enchido a cara e se entenderam bem. Para Jude, no entanto, o que provavelmente havia começado como um parco interesse pela sinuca parecia ter resvalado para nenhum interesse pela sinuca e, mais tarde, para um franco antagonismo ao jogo. Com toda a onda que fizera sobre como Irina *tinha* que conhecer *Ramsey Acton*, para depois demonstrar tanta irritação, devia ser rotineiro Jude arrastar o marido para sair e plantá-lo ao lado de admiradores exaltados como Lawrence, a fim de compensar seu investimento anterior, ou compensar lá o que fosse, enfim.

Lawrence negligenciou por completo a mulher que chamava de “esposa” na frente dos outros, mas com quem nunca se dera o trabalho de se casar; Ramsey foi mais educado. Voltando-se para Irina, com firmeza, descartou qualquer outro papo sobre sinuca nessa noite. Elogiou as ilustrações que ela fizera no novo livro infantil de Jude, enaltecendo-as: “Aqueles desenhos estavam o fino, querida. Fiquei muito impressionado.” (Especialmente por ele falar baixo, levava certo tempo para a pessoa se acostumar com seu sotaque carregado do sul de Londres. Ramsey desculpou-se pelo fato de a musse de peixe estar terrível, insistiu em que Irina aceitasse mais vinho, porque, em seu aniversário, ela não precisava ser comportar, e reclamou de não gostar nem um pouco de festas, nunca. Os esses soavam como efes, e a omissão quase completa das consoantes deixava silêncios minúsculos, como uma gravação digital falha.) Ramsey olhava para Irina, e apenas para Irina, de um jeito que em muito, muito tempo, ninguém tinha olhado, e que a deixava francamente nervosa e até desconcertada; ela baixava os olhos constantemente para o prato. A coisa foi um pouquinho exagerada para um primeiro encontro — não afrontosa de uma maneira em que se pudesse propriamente denunciá-lo, mas afrontosa, de qualquer forma. E Ramsey era péssimo no bate-papo informal; toda vez que Irina trazia à baila a convenção democrática ou John Major, ele parava completamente de falar.

Discretamente, Ramsey pagou a conta. O vinho, e olhe que tinha sido muito, fora caro. Mas os profissionais da sinuca recebiam uma grana preta, de modo que Irina havia decidido não se acanhar.

Naquele primeiro aniversário, o dos quarenta e dois anos, tal como Irina o recordava, Ramsey parecera perfeitamente agradável e tudo mais, porém ela tivera uma sensação de alívio ao terminar a noite.

IRINA COLABOROU COM JUDE num segundo livro infantil — o caráter francamente manipulador do primeiro, nos moldes de *Adoro arrumar meu quarto!*, fora tão atraente para os pais quanto repulsivo para as crianças, e tinha assegurado uma boa vendagem. Assim, o quarteto não tardou a se estabelecer, e os encontros se repetiram — com frequência, para os círculos londrinos — umas duas vezes por ano. Lawrence, quebrando a monotonia, sempre se mostrava receptivo a essas reuniões e, desde o começo, exibiu uma postura de posse em relação a Ramsey, de cuja amizade gostava de se gabar com seus colegas britânicos. Irina tornou-se ligeiramente mais instruída no esporte, mas nunca poderia competir com os conhecimentos enciclopédicos de Lawrence, de modo que não tentava. Havia um entendimento tácito de que Jude era amiga de Irina, e Ramsey, de Lawrence, embora Irina se perguntasse se não estava levando a pior nessa barganha. Jude era meio irritante.

O jantar que deu início ao segundo ano do turbulento quarteto caiu novamente num aniversário de Ramsey. Para os ocidentais laicos, é difícil encontrar rituais. Dois aniversários seguidos bastaram para estabelecer uma prática-padrão.

Constrangida com o fato de Ramsey sempre pagar a conta em seu próprio aniversário, Irina insistiu, no quarto mês de julho, o de 1995, em ser a anfitriã da comemoração. Disposta a fazer experiências, preparou suas próprias bandejas de *sushi* e *sashimi*, as quais notou que agradaram Ramsey. Ao contrário daquelas preciosas porções servidas nos restaurantes, com três garfadas de atum e uma folha de grama de plástico serrilhada, as amplas bandejas de *temaki* e *norimaki* na mesa de jantar no Borough nem deixaram espaço para os pratos. Irina havia imaginado que um homem como Ramsey estaria habituado a que o festejassem, e ficara com medo de que sua incursão hesitante na culinária japonesa não pudesse competir com as refeições chiques a que ele estaria acostumado. Em vez disso, o homem ficou tão comovido com seus esforços que mal conseguiu falar durante a noite inteira. Foi como se nunca lhe houvessem oferecido um jantar. Seu embaraço foi tanto que Irina ficou embaraçada por tê-lo embaraçado, o que exacerbou o penoso constrangimento que tinha passado a caracterizar os poucos contatos diretos entre os dois, e a levou a se sentir grata pelo entusiasmo ruidoso dos outros dois convivas.

Ah, e depois viera o último aniversário, o de 1996. Ela e Jude haviam tido uma briga enorme e deixado de se falar. Jude e Ramsey haviam tido uma briga maior ainda e já não estavam casados. Embora sete anos fossem pouco para um casamento, ainda assim tratava-se de um número atordoante de noites num

mesmo cômodo para aqueles dois, e com certeza eles só tinham conseguido ficar juntos por tanto tempo porque Ramsey passava boa parte do ano viajando. Se dependesse de Irina, àquela altura, ela teria deixado morrer a amizade intermitente com Ramsey Acton. Não tinha nada em comum com aquele homem, que a fazia sentir-se pouco à vontade.

Mas Lawrence estava decidido a resgatar essa pequena celebridade da massa deprimente de pessoas — às vezes, uma massa assustadoramente populosa, quando se chega aos quarenta —, com que um dia se fez amizade, mas com a qual, comumente sem nenhuma razão defensável, perdeu-se o contato. Ramsey podia ter descido no *ranking* mundial, mas era um dos “gigantes do jogo”. Além disso, declarara Lawrence, “o sujeito tem classe”.

Um pouco sem jeito, Irina insistira em que Lawrence telefonasse para Ramsey e lhe fizesse um convite não muito entusiástico para jantar na casa deles; não seria de bom-tom ligar para uma pessoa e lhe pedir para convidá-los para jantar fora em seu próprio aniversário. Mas sua expectativa era que Ramsey recusasse essa refeição caseira, se não a ideia toda. Um encontro a três em qualquer lugar pareceria assimétrico.

Nada feito. Lawrence voltara do telefone anunciando que Ramsey havia acolhido sem pestanejar a oportunidade de jantar na casa deles, e acrescentara:

— Ele parece solitário.

— Ele não está esperando outra mesa de *sushi*, está? — perguntara Irina, reclusa. — Detesto parecer mesquinha, depois de ele ter pagado tantas contas. E foi divertido no ano passado. Mas foi uma trabalhadeira e tanto, e eu detesto me repetir.

Irina era uma cozinheira orgulhosa e apaixonada, que nunca comprava alface tenra pré-lavada em sacos plásticos.

— Não, ele implorou para você não ter muito trabalho. E pense em mim — acrescentara Lawrence, que era o encarregado da louça. — No ano passado, a cozinha parecia Hiroshima.

E assim, na cabeça de Irina, o jantar tinha sido bastante comum: um corte de carne de veado sem maiores pretensões, preparado em cubinhos num molho de vinho tinto, com cogumelos *shiitake* e bagas de zimbro, o que constituía uma velha *pièce de résistance*. Mas Ramsey fora tão efusivo quanto antes. Só que, dessa vez, Irina se perguntara se tinha sido mesmo o cardápio que havia cativado o convidado. Talvez para acrescentar um toque de novidade a uma refeição que já tinha preparado várias vezes, ela havia desencavado um vestido sem mangas que não usava fazia anos. Era quase certo que o vestido tivesse ido parar no fundo do armário

porque — como Irina voltara a descobrir — as alças eram um pouco compridas e ficavam caindo dos ombros. O macio algodão azul-claro, mesclado com látex, ficava bem esticado nos quadris; a saia era bastante curta para que ela tivesse que puxá-la na altura das coxas toda vez que se sentava. Irina não fazia ideia do que lhe dera na cabeça para desfilar majestosamente com uma roupa tão provocante diante de um homem recém-saído do divórcio. De qualquer jeito, não tinha sido para a carne de veado que Ramsey passara a noite toda olhando, isso era certo.

Por sorte, Lawrence não parecera notar. O que havia notado é que Ramsey não queria ir embora. Mesmo com os ícones da sinuca, o apetite social de Lawrence era finito e, às duas horas da manhã, Ramsey já tinha ultrapassado as medidas. Lawrence havia tirado vigorosamente a mesa e lavado a louça fazendo muito barulho no fim do corredor. Enquanto vinham da cozinha as batidas das panelas como sinal de censura, Irina ficara empacada com Ramsey e em pânico por falta de assunto. Tudo bem que Ramsey estava abusando da hospitalidade, mas ela gostaria que seu parceiro não fizesse aquilo com a louça! Toda vez que os dois engrenavam uma conversa na sala, Lawrence interrompia o fluxo, entrando célere para limpar a mesa ou raspar a cera derretida dos candelabros, sem nunca cruzar os olhos com os de Ramsey. Alheio à grosseria do anfitrião, o convidado havia tornado a encher as taças de vinho. E só tirara o time de campo, mesmo assim com visível relutância, depois das três da manhã.

Com isso, durante o ano inteiro o trio não voltara a se reunir, como se Irina e Lawrence precisassem de todo esse tempo para se recuperar. Mas Lawrence não havia guardado rancor, concordando com Irina em que, às vezes, o traquejo social de Ramsey era tão precário quanto seu modo de jogar era elegante. Além disso, Lawrence tinha sido bem recompensado pela noite de sono perdida com ingressos gratuitos para os torneios de toda a temporada seguinte.

JULHO CHEGOU outra vez. Mas nesse ano foi diferente.

Dias antes, Lawrence telefonou de Sarajevo para lembrá-la de que o aniversário de Ramsey estava chegando.

— Ah! — fez Irina. — É mesmo. Eu tinha esquecido.

Repreendeu-se. Não tinha esquecido, e era bobagem fingir que sim. O menor desvio da verdade com Lawrence a fazia sentir-se isolada e pesarosa, distante e até amedrontada. Ela preferia ser apanhada numa mentira a se safar e, com isso, conviver com a ideia pavorosa de que mentir era possível.

— Você vai entrar em contato com ele?

Irina vinha remoendo o assunto desde que soubera que Lawrence estaria numa conferência sobre a “construção nacional” na Bósnia, e só voltaria na noite de 7 de julho.

— Não sei — respondeu. — É você o grande amigo de Ramsey.

— Ah, eu acho que ele gosta de você — retrucou Lawrence. Mas seu tom transmitiu moderação, ou mesmo reserva, como em “acho que ele até gosta de você”.

— Mas ele é tão esquisito! Não faço ideia sobre o que conversaríamos.

— Que tal o fato de eles cogitarem abandonar a regra da gravata-borboleta? Ora, Irina, você deve telefonar, sim, nem que seja para dar uma desculpa. Há quantos anos vimos...

— Cinco — interrompeu ela, mal-humorada. Já tinha feito as contas.

— Se você deixar para lá, ele vai ficar magoado. Antes da viagem, deixei um recado rápido na caixa postal do celular dele, pedindo desculpas por estar em Sarajevo este ano. Mas deixei escapar que você ficaria em Londres. Se você quer tanto assim se livrar dessa, posso ligar para ele daqui e dizer que você mudou de ideia no último minuto e veio comigo. Sabe como é, feliz aniversário, mas que pena, estamos ambos fora.

— Não, não faça isso. Detesto mentir por bobagens — Irina reclamou. Ficou incomodada com a implicação de que não teria problema em mentir por razões substanciais, mas uma nova ressalva lhe pareceu complicada. — Eu ligo para ele.

Não ligou. O que fez foi telefonar para Betsy Philpot, que havia editado os livros infantis em parceria de Jude e Irina na Random House e que, por isso, tinha certo conhecimento de Ramsey. Depois de uns dois anos sem trabalhar juntas, Betsy e Irina tinham passado de colegas a confidentes.

— Diga-me que você e o Leo estarão disponíveis no dia 6.

— Não estamos disponíveis no dia 6 — retrucou Betsy, cuja conversa nunca incluía frescuras.

— Droga.

— E isso é importante por quê?

— Ah, é que é o aniversário do Ramsey, e temos tido o costume de nos reunir. Só que agora a Jude já era e o Lawrence está em Sarajevo. E sobrei eu.

— E daí?

— Sei que parece sem importância, e pode ser que esteja tudo na minha cabeça, mas andei pensando se o Ramsey não... se ele não tem uma quedinha por mim.

Irina nunca dissera isso em voz alta.

— Ele não me parece nenhum lobo. Eu diria que isso não é nada com que você não possa lidar. Mas, se não quiser ir, não vá.

Para Betsy, outra norte-americana, tudo era sempre simples. Na verdade, sua abordagem fria de círculos cuja quadratura os outros tinham dificuldade em determinar, na base da régua e compasso, exibia uma curiosa crueldade. Na ocasião da briga entre Jude e Irina, ela havia recomendado, com uma encolhidinha selvagem dos ombros: “Pelo que pude perceber, você nunca foi muito chegada a ela, de qualquer maneira. Deixe para lá.”

Irina não se orgulhava do modo como vinha “lidando” com esse dilema, o que significava que simplesmente não lidava com ele. Todos os dias, na contagem regressiva para o 6 de julho, prometia a si mesma de manhã que ligaria para Ramsey à tarde, e à tarde, que telefonaria à noite. Mas a etiqueta se aplicava até aos notívagos e, quando passava das onze da noite, ela consultava o relógio, abanando a cabeça, e resolvia telefonar logo cedo no dia seguinte. Mas era provável que ele acordasse tarde, pensava ao se levantar, e o ciclo recomeçava. O dia 6 cairia no sábado, e quando a sexta-feira chegou, ela enfrentou o fato de que um único dia de antecedência era um risco tão óbvio de ele estar ocupado que telefonar na última hora pareceria mais grosseiro do que esquecer inteiramente a ocasião. Bem, agora ela não teria que enfrentar Ramsey Acton sozinha. A onda de alívio foi seguida por uma gotinha de pesar.

O telefone tocou na sexta-feira, perto da meia-noite. Àquela hora, Irina estava tão certa de que seria Lawrence que atendeu:

— *Zdravstvuy, milyi!*

Silêncio. Nenhuma resposta.

— *Zdravstvuy, lyubov moyu!*

Não era Lawrence.

— ... Desculpe — disse uma voz com sotaque britânico meio aéreo e indistinto, depois da pausa embaraçosa. — Eu estava tentando ligar para Irina McGovern.

— Não, *eu* é que peço desculpas — disse ela. — É Irina. É que eu pensei que fosse Lawrence.

— ... Vocês conversam em... isso era russo?

— Bem, o russo do Lawrence é pavoroso, mas ele fala um pouquinho... nunca conseguiria se virar em Moscou, mas nós usamos a língua em casa, sabe, como nossa língua particular... Como expressões de afeto — continuou, dirigindo-se ao vazio. — Ou de brincadeira.

— ... Isso é uma graça — disse ele, ainda sem se identificar. E agora seria embaraçoso demais para ela perguntar quem era.

— É claro, Lawrence e eu nos conhecemos porque dei aulas de russo a ele em Nova York — improvisou Irina, tentando ganhar tempo. — Ele estava fazendo a tese de doutorado em Columbia, sobre a não proliferação de armas nucleares. Na época, isso significava que era preciso ter um pouco de russo no currículo. Hoje em dia, é mais com o coreano... Mas Lawrence não tinha o menor talento para línguas. Foi o pior aluno que tive.

Blábláblá. Quem *era* essa pessoa? Mas Irina tinha uma teoria.

Um risinho baixo.

— Isso também é uma graça... não sei por quê.

— E *então*? — atacou Irina, decidida a identificar o autor da ligação. — Como vai *você*?

— ... Isso depende, não é? De você estar livre amanhã à noite.

— E por que não estaria? — arriscou ela. — É seu aniversário.

Outro risinho.

— Você não tinha certeza de que era eu, tinha? Até agora há pouco.

— Ora, e por que teria? Acho que não... é estranho, mas acho que, depois de todos esses anos, nunca falei com você por telefone.

— ... Não — concordou ele, intrigado. — Parece que não.

— Sempre marquei nossos encontros sociais por meio da Jude, não é? Ou, depois de vocês se separarem, do Lawrence.

Silêncio. O ritmo da fala telefônica de Ramsey era sincopado, a tal ponto que, quando Irina resolveu insistir, os dois falaram ao mesmo tempo. Ambos pararam. Depois, ela perguntou:

— O que você disse?

E ele retrucou ao mesmo tempo:

— Como?

Francamente, se um simples telefonema era excruciante assim, como é que eles conseguiriam jantar?

— Não estou acostumada com sua voz por telefone — disse Irina. — Você parece estar ligando do polo Norte. E usando uma daquelas invenções de criança, feitas de copinhos de papel e corda de pipa. Às vezes, você fica terrivelmente calado.

— ... Sua voz é maravilhosa — retrucou ele. — Muito grave. Especialmente quando você fala russo. Por que não diz alguma coisa? — O som foi de *alg'm'coi*. — Em russo. O que você quiser. O significado não tem importância.

Era óbvio que ela poderia soltar uma frase qualquer, tinha crescido bilíngue. Mas o jeito do pedido deixou-a sem jeito, fazendo lembrar aquelas linhas de telexo que cobravam uma libra esterlina por minuto — o que Lawrence chamava de *disque-punbeta*.

— *Kogda mi vami razgovarivayem, mne kazhetsya shto ya golaya* — disse Irina, juntando os peitos com o braço livre. Era uma sorte ninguém mais estudar russo.

— O que quer dizer isso?

— Você disse que não tinha importância.

— Mas me diga, assim mesmo.

— Eu perguntei o que você tinha em mente para amanhã à noite.

— Hmm. Desconfio que você está dando risada.

Mas, *e quanto* à noite seguinte? Ela deveria convidá-lo à sua casa, já que Ramsey gostava da sua comida? A perspectiva de ficar a sós com Ramsey Acton no apartamento deixou-a histérica.

— Você gostaria — propôs, angustiada — que eu lhe fizesse um jantar?

— É muita gentileza sua, gatinha — respondeu ele. O curioso tratamento afetivo, que Irina só havia escutado uma vez, ao colaborar com um autor de Newcastle, no Norte, soou um pouco mais caloroso pela estranheza. — Mas estou com vontade de levá-la para jantar.

Irina ficou tão aliviada que desabou na poltrona. Ao fazê-lo, puxou o fio e o telefone caiu no chão com estardalhaço.

— Que barulheira é essa?

— Derrubei o telefone.

Ele riu, dessa vez um riso mais cheio, sonoro, e o som, pela primeira vez nesse telefonema hesitante, a acalmou.

— Isso quer dizer sim ou não?

— Quer dizer que sou desastrada.

— Nunca a vi sendo desastrada.

— Então, é porque não me viu muitas vezes.

— Nunca a vi o suficiente.

Dessa vez, o silêncio foi de Irina.

— Já faz um ano inteiro — continuou Ramsey.

— Acho que Lawrence não poderá ir conosco.

Ramsey sabia disso, mas ela sentiu necessidade de insistir em introduzir o nome de Lawrence na conversa.

— Você prefere adiar, para que ele possa ir também?

Ramsey lhe dera uma saída; ela devia aproveitá-la sem pestanejar.

— Não me parece muito apropriado.

— Era o que eu esperava que você achasse. Telefone às oito.

NA MAIORIA DOS CASOS, as outras pessoas aceitavam os casais do jeito que os conheciam: ou eles o eram, ou, a certa altura, não eram. No que tinha de mais tórrido, a vida amorosa de cada um era uma simples titilação para os outros, e a natureza de negócio fechado dos casais estabelecidos, como Irina e Lawrence, era uma grande chatice, sem dúvida. A devastação romântica ocasionava, quando muito, uma pequena solidariedade do espectador, ou o prazer de rir da desgraça alheia. O delírio romântico era pior ainda. Recém-apaixonado, o sujeito esperava despertar inveja ou admiração, mas era muito mais provável que atraísse um tamborilar impaciente dos dedos para acabar logo com aquilo. É claro que as pessoas tinham opiniões sobre se os parceiros combinavam um com o outro, ou provavelmente brigavam; quase sempre, os amigos — os amigos do casal, bem entendido — gostavam mais de um que do outro. Mas essas eram opiniões baratas. Não custava nada mantê-las nem mudá-las.

Alguns amigos viam Irina-e-Lawrence como um dado factual, como a existência da França. Outros confiavam no casal como um parâmetro, a prova de que era possível ser feliz; esse papel era um fardo. Irina tinha alguns conhecidos que pouco ligavam para Lawrence e o achavam paternalista ou rude; viam-no como um ônus da amizade, o custo necessário para manter a relação. Mas, de um modo ou de outro, ela não se importava.

Como o amor não chegara cedo nem com facilidade em sua vida, Irina aceitava o fato de que qualquer pequena contribuição que pudesse fazer para as questões humanas nada teria a ver com realizações sem precedentes na arte do cortejar. Ninguém jamais descreveria a união pacífica e afável de uma ilustradora de livros infantis com um pesquisador de um centro de estudos estratégicos como um relacionamento capaz de inspirar o lançamento de navios ou de dividir nações. Nenhum Shakespeare moderno desperdiçaria sua eloquência com a felicidade corriqueira — se é que isso existe — que permeava um modesto apartamento do Borough nos anos 1990.

Ainda assim, ela considerava um milagre seu relacionamento com Lawrence. Ele era um homem dedicado, divertido e inteligente, além de amá-la. Irina não estava interessada em saber se as feministas afirmariam que ela não precisava de homem; ela precisava, sim, mais que de qualquer outra coisa no mundo. Quando

Lawrence estava fora, o apartamento parecia produzir eco. Ela já não conseguia entender por que estava ali, tanto no sentido geral de estar viva quanto no sentido específico de se achar numa praça georgiana logo ao sul da London Bridge. Muitas eram as noites solitárias em que poderia trabalhar até tarde em seu estúdio, mas essa oportunidade era desperdiçada. Irina andava de um cômodo para outro. Servia uma taça de vinho e a largava para lá. Borrifava um produto corrosivo no corredor de louça de aço inoxidável, para tirar a camada de cal. (A água das torneiras de Londres era tão mineralizada — tida como reciclada por mais corpos humanos do que qualquer líquido do planeta, e que deixava uma crosta fantasmática branca atrás de cada gota evaporada — que poderia ficar perfeitamente ereta em cima da bancada da cozinha, como os penhascos de Dover, sem precisar de copo.) Mas, de repente, a energia necessária para remover o líquido espesso lhe escapava. Ela ia dormir e acordava com um mau cheiro na cozinha, vindo dos produtos químicos que tinham ficado fermentando.

Vergonhoso ou não, ter um homem que a amava e cujo amor ela retribuía era a coisa mais importante da sua vida. Não que ela não tivesse afeições secundárias sólidas e duradouras, porque Irina era muito mais sociável do que Lawrence e fizera muito esforço para construir todo um novo conjunto de amizades ao se mudar para Londres, em 1990. Mas havia fomes que os amigos nunca seriam capazes de saciar, e quando se fazia a menor tentativa de levá-los a alimentar esse apetite específico, eles fugiam como o diabo foge da cruz. Além disso, não era que ela não desse a mínima para sua “arte”, embora um casal de pais teatralmente absortos neles mesmos a houvesse impelido a inserir essa palavra entre aspas mal-humoradas. As ilustrações, quando funcionavam bem, eram uma alegria. Mas a alegria era maior quando Lawrence chegava por trás de mansinho, na hora em que ela estava desenhando, e murmurava impaciente em seu ouvido que seria uma boa ideia comer.

A monogamia viera sem esforço. Em nove anos, Irina sentira-se atraída por um dos colegas de Lawrence no Instituto Blue Sky durante exatamente meia hora — ao término da qual o homem se levantara para buscar outra rodada de bebidas e ela havia notado que o traseiro dele tinha um formato de pera. E pronto, estava encerrado, como uma daquelas irritações de garganta que não chegam a derrubar a pessoa de gripe.

O período de confinamento solitário durante a estada de Lawrence em Sarajevo tinha passado de forma menos dolorosa do que a maioria das vezes, mas é próprio da ausência de dor que a gente não repare nela. Embora fosse comum

Irina preparar refeições trabalhosas para Lawrence sem reclamar, ainda era uma alegria escapar da preparação de jantares completos com legumes e cereais. Sozinha, Irina dera para pular toda essa bobagem e trabalhar direto sem parar para jantar. Por volta das dez da noite, faminta e agradavelmente cansada, andava devorando uma fatia grossa e gelatinosa de bolo de chocolate e *cappuccino* Tesco, cuja própria compra tinha sido atípica; no oitavo dia depois da partida de Lawrence para a Bósnia, ela já estava na terceira caixa. Depois, tocava aquelas músicas piegas que Lawrence detestava — Shawn Colvin, Alanis Morissette, Tori Amos, todas essas jovens cantoras que andavam na moda ultimamente e usavam um excesso de *vibratos* na exaltação da tristeza, ou, então, declaravam com insolência que não precisavam de homens, e a gente sabia que estavam mentindo. Sem se incomodar com o olhar reprovador de Lawrence — cuja mãe tinha sido alcoólatra —, Irina vinha se servindo de um drinquezinho noturno antes de se deitar. Lawrence jamais aprovaria um conhaque mais de uma vez por mês. Mas talvez apreciasse o fato de as emanações da bebida se transformarem em reflexões estonteantes sobre a sorte que Irina tivera por conhecê-lo, ou sobre quanto ansiava por sua volta.

No cômputo geral, portanto, a semana tinha sido tranquila. Irina se permitira as pequenas transigências dos não vigiados, inclusive a incineração gradual e contemplativa de um maço secreto de cigarros. Mas havia progredido bastante nos desenhos, e uma mulher com suas dimensões esguias podia se permitir um pouquinho de bolo. Dali a dois dias estaria de volta às trutas com brócolis e se certificaria de arejar a sala, para livrá-la da mácula incriminadora da nicotina.

Assim, ao acordar no sábado, Irina chocou-se ao descobrir que seu autocontrole presunçoso tinha se rachado como casca de ovo. Era ridiculamente tarde, já passava das onze, quando o normal era ela se levantar às oito. Ainda grogue, ela recapitulou o fato de que, após o telefonema inquietante de Ramsey, não tinha posto o fone no gancho, como deveria ter feito, nem passado o fio dental. Houvera um segundo conhaque, recordou-se. Na cozinha, o bolo de chocolate e o *cappuccino* foram dizimados. Isso mesmo, ela havia parado inquieta diante da bancada, fatiando pedacinhos cada vez menores, até não sobrar mais nada. E, ai, meu Deus, tinha aumentado tanto o volume de *Little Earthquakes* que um vizinho do andar de baixo aparecera na porta, de roupão, para reclamar. Seria um inferno se Lawrence soubesse disso, já que, ainda no mês anterior, ele havia esmurrado a porta desse mesmo andar para fazer os vizinhos “darem um tempo na *salsa*”, e “não estava se referindo ao tipo de molho que se coloca nos *tacos*”.

Tonta com a ressaca, Irina ligou a cafeteira grande para preparar um café expresso. Munida de uma segunda xícara, não conseguiu fazer nada no estúdio senão contemplar o desenho parcialmente acabado. Não foi possível trabalhar. Claramente, seu limitado tanque de reserva à ausência de Lawrence durava exatos oito dias, não dez. De repente, um dia e uma noite e mais um dia inteiro de solidão só fizeram trazer a ameaça de um frenesi alcoolizado de cigarros acendidos um no outro, garrafas inteiras de conhaque e intermináveis colherinhas de uma cobertura de bolo pronta e vagabunda, cujo ingrediente principal era a gordura.

Ao sair para o Borough Market, onde sempre fazia compras aos sábados, ela bateu a porta, resoluta. Irina estava começando a vacilar, e Irina precisava ser contida.

Na movimentada feira coberta, perto da London Bridge, a multidão, como sempre, era exasperante, com seus sotaques norte-americanos. Embora fosse irracional irritar-se com a companhia de compatriotas, um dos traços que os americanos pareciam compartilhar era a antipatia comum por toparem uns com os outros em países estrangeiros. Talvez isso tivesse algo a ver com aquele espelho em que eles viam refletida uma imagem geralmente espalhafatosa, agressiva e obesa. Irina não tinha grande problema por ser americana (todo mundo tem que vir de algum lugar, e a gente não pode mesmo escolher), mas, como russa de segunda geração pelo lado materno, sempre havia presumido que sua nacionalidade tinha uma cláusula opcional de exclusão. Talvez ela houvesse se encolhido um pouco ao ouvir o conhecido grito estrídulo que veio da Monmouth Coffees (“La-a-a-arry, eles não têm o Guatemala descaféina-a-a-do!”), por gostar da sensação de que a Inglaterra era outro lugar — uma sensação cada vez mais difícil de manter, numa cidade colonizada pela Pizza Hut e por cafeterias Starbucks. Ao entreouvir outra ianque perguntar onde ficava a rua *South-wark*, com um R engrolado, foi difícil não se sentir osmoticamente maculada pela ignorância.

Por outro lado, longe da influência de Lawrence, às vezes Irina se comprazia com o que chamava, falando com seus botões, de *bondade mental*. Esse exercício nada tinha a ver com sua maneira de agir; como mulher que havia crescido sendo muito maltratada pelos colegas de escola, ela desenvolvera um horror crônico a destrar qualquer pessoa. E também não tinha a ver com o que ela dizia. Tinha a ver com o que se passava em sua cabeça. Havia méritos em ser *mentalmente* boazinha — em ouvir uma conterrânea americana pronunciar *Southwark* da maneira errada e optar deliberadamente por pensar: *Por que os ingleses não nos dão uma folga? Os americanos nunca esperariam que um londrino soubesse que Houston se pronuncia*

Houston *no Texas* e Houston *em Manhattan*. Isso, com certeza, era melhor do que resmungar *sotto voce* “mulherzinha idiota”. É claro, podia se experimentar empatia ou fazer críticas desbragadas dentro da privacidade dos próprios pensamentos, sem melhorar o dia de quem quer que fosse nem ferir os sentimentos de ninguém. Mesmo assim, Irina tinha a convicção de que o que se passava em sua cabeça era importante e, em silêncio, via os estranhos à luz mais delicada possível, como uma forma de disciplina. Que mais não fosse, a generosidade interna a fazia sentir-se melhor.

Bondade mental não era um conceito que ela houvesse compartilhado com Lawrence, que era mais propenso a se entregar a coisas como a dilaceração mental. Ele era terrivelmente duro com as pessoas, sobretudo com as que considerava de inteligência inferior. Sua palavra favorita era *imbecil*. Essa dureza podia ser contagiosa; Irina tinha que se resguardar. Mas deveria realmente exercitar a *bondade mental*, antes de mais nada, com o próprio Lawrence.

Para começar, ele gostava de levar uma vida simples, restrita a poucos amigos íntimos e sobretudo a Irina, ponto final — Irina, que se beneficiara extravagantemente de ser admitida nesse minúsculo panteão dos benquistos. O desdém era uma forma de controle populacional. Já que não se podia convidar para o chá toda a gama de pessoas conhecidas, desde o verdureiro até o bombeiro hidráulico, era preciso haver um filtro. Mas a questão era que o filtro de Lawrence era feito de uma trama realmente muito fina.

Por outro lado, ele era um exemplo autêntico do que um dia tinha sido um produto-padrão nos Estados Unidos, mas que, nos últimos tempos, vinha se transformando numa espécie norte-americana em extinção: o homem que se fez por si. Lawrence agarrava-se ferozmente a sua condescendência por ter as unhas tão precariamente cravadas nas alturas cerebrais de um arrogante centro de pesquisas britânico. Sua criação fora tudo, menos intelectual. Nem o pai nem a mãe haviam passado do ensino médio, e crescer em Las Vegas não tinha sido exatamente uma preparação propícia para obter um doutorado em relações internacionais numa universidade da Ivy League. A infância passada em cassinos de segunda deixara nele o pavor de voltar a ser sugado por um mundo de extensos debates sobre a qualidade dos ovos Benedict no Bellagio. Portanto, tudo bem, Lawrence era cáustico, e às vezes tinha que ser incentivado a dar uma colher de chá às outras pessoas, a enfatizar suas melhores qualidades e perdoar suas falhas. Mas cabia a Irina ver a tendência dele a crucificar as pessoas como também sendo uma dessas falhas, e digna de seu perdão.

Ela comprou couve italiana *cavalo nero*, linguiça de porco defumada e um punhado mal-intencionado de pimenta-malagueta de barraqueiros galanteadores, que não sabiam seu nome, mas tinham passado a reconhecer seu rosto. Bem consciente de que percorrer as etapas plácidas das compras era chapar um verniz de normalidade sobre uma base alarmantemente instável, Irina também comprou uma braçada de ruibarbo, para se manter ocupada com algo proveitoso ao chegar em casa.

De volta ao apartamento, tratou de construir industriosamente duas tortas de creme de ruibarbo, uma para o freezer e outra para a volta de Lawrence. Quintuplicou a quantidade de noz-moscada da receita. Mulher reservada e de inclinações moderadas, a julgar pela aparência, Irina expressava uma insidiosa atração pelos extremos, fazendo-o por meio de coisas decorativas como o uso de temperos, e alguns convivas à sua mesa desconfiavam que o talento dela na cozinha se devia, em grande parte, a um domínio da tabuada de multiplicação que ficava acima da média. Felizmente, as coberturas trabalhosas em forma de treliça promoveram a concentração de uma mente que se fragmentava como as tiras finas de massa tostada. As mãos de Irina não estavam exatamente trêmulas, mas se moviam a arrancos espasmódicos, como se estivessem sob uma lâmpada estroboscópica. (Aquele conhaque, será mesmo que não tinha havido um terceiro?) Já não era sem tempo que Lawrence ia voltar. Vez por outra, Irina ficava tensa com isso, mas talvez precisasse da disciplina severa e da mania de organização. Sem Lawrence, era óbvio que, da noite para o dia, ela se transformaria numa bruxa, fumando um cigarro atrás do outro, devorando bolos e tomando porres de conhaque.

As tortas saíram lindas, com o ovo e o açúcar borbulhando em chapéus dourados e quebradiços por entre as aberturas da treliça, e com o aroma pungente e ácido do ruibarbo elevando-se em ondas pelo apartamento; mas seu preparo só a manteve ocupada até umas cinco horas da tarde. E mais, enquanto as tortas estavam no forno, Irina fez algo que raramente se dispusera a fazer nos anos anteriores, desde Lawrence, pelo menos, e tornou a fazê-lo enquanto as tortas esfriavam.

SEIS HORAS. Irina não era dada a se alvoroçar com a aparência; quase todas as suas roupas eram peças pouco convencionais de segunda mão, compradas em distribuidoras da Oxfam, porque, durante o período de residência do casal, Londres havia atingido oficialmente o topo da lista como a cidade mais cara do mundo. Comumente, gastar quinze minutos para se vestir era bastante tempo. Duas horas, então, eram uma coisa ridícula.

Mas, nessa tarde, conceder-se meras duas horas ultrapassou todos os limites.

A cama ganhou uma pilha de blusas descartadas. Enquanto se debatia para entrar e sair de vestidos, Irina lembrou-se de um projeto encantador de uns anos antes, intitulado *Não tenho nada para vestir!*, sobre uma garotinha que passava feito um furacão por todas as roupas do armário, certa manhã, e atirava longe peça após peça da cômoda. Alguns versos do livro lhe voltaram à lembrança: “Não gosto das casas dos botões, não gosto dessa gola! Se o vestido de bolinhas eu usar, vou ganir, guinchar e berrar!” O arco narrativo tinha sido previsível (que grande surpresa! — a menina finalmente escolhia usar a primeira coisa que tinha vestido), mas as roupas voando pelos ares tinham tido uma energia futurista, e as oportunidades ilustrativas tinham sido esplêndidas.

No entanto, contrariando as convenções femininas, Irina fez poses e mais poses críticas diante do espelho de corpo inteiro do quarto, para conseguir a aparência mais mal-ajambrada possível. Embora, no começo desse tumulto, ela tivesse brincado com a hipótese de usar o vestido azul-claro de alcinhas que no ano anterior ameaçara manter Ramsey na sala até o café da manhã, descartou imediatamente essa ideia. Estava maluca? Em vez disso, vasculhou os confins mais profundos do armário, em busca das saias mais compridas, das peças com pior caimento e das cores menos favoráveis que pudesse achar. Infelizmente, não tinha muitas roupas feias — uma carência que até então ela nunca tivera motivo para lamentar.

Esse exercício de perversidade era perda de tempo. Ramsey, com certeza, escolheria um restaurante sofisticado em que suas poucas roupas mais chamativas não pareceriam deslocadas. Lawrence sempre usava o traje mais esculhambado com que conseguisse se safar, e nas poucas ocasiões em que ela se atrevia a vestir uma coisa chique, ficava perturbado: “É só um coquetel da Blue Sky. Não precisa se embonecar *tanto*.”

A campainha do interfone tocou, pondo fim a essa dança das cadeiras da indumentária. Como uma aluna de jardim de infância que se atirasse na primeira cadeira vazia, Irina apanhou-se com a roupa que tinha no corpo: uma saia reta azul-marinho, que realmente chegava quase aos joelhos, mas que, com aquela mescla ubíqua de látex, tinha um caimento lamentavelmente justo nos quadris. Pelo menos, a blusa branca de manga curta não expunha ombros nus; melhor ainda, as múltiplas lavagens haviam feito um furinho no decote, conferindo à peça um ar satisfatoriamente surrado. Na verdade, o conjunto era de uma insipidez gloriosa. Azul-e-branco tinha a conotação assexuada dos uniformes de

marinheiro ou das cores dos times de futebol do colégio, e Irina prendeu o cabelo preto num rabo de cavalo feito às pressas, sem usar o pente. No entanto, ao calçar os únicos sapatos que combinavam, ficou exasperada ao notar que as sandálias brancas altas — gastas, com pelo menos dez anos de uso — lhe entrijeciam as panturrilhas e enfatizavam seus tornozelos finos. *Idiota*, concluiu. *Eu devia ter posto uma calça comprida.*

Decidida a *não* convidá-lo a subir para um drinque, ela pegou o interfone, gritou: “Estou descendo!”, e saiu tumultuadamente porta a fora.

Em frente à entrada, Ramsey estava encostado em seu Jaguar XKE verde opalescente, fumando um cigarro. É claro que Irina não incentivaria ninguém a fumar, mas o hábito caía bem nele. Ao telefone, os silêncios dele deixavam buracos, mas, em pessoa, ele sabia preencher os buracos com expirações reflexivas. Encostado, mas perfeitamente ereto, o próprio Ramsey lembrava um taco de sinuca apoiado no carro; seus membros reiteravam o mesmo afilamento atenuado. Sem dizer nada — qual era o *problema* desse sujeito? —, ele a observou enquanto Irina descia a escadinha, inalando a imagem com a última tragada. Jogando o cigarro semifumado na sarjeta e ainda sem dizer palavra, colocou-se ao lado dela e a introduziu no banco do carona. Sua mão pairou junto às costas de Irina, sem propriamente tocar-lhe a cintura, como um pai ou mãe que mantivesse o braço preparado para escorar uma criança pequena, de andar ainda hesitante, que quisesse atravessar a sala sem ajuda.

Aninhada no assento de encosto recurvado, também sem ter sequer dito *olá*, Irina foi tomada por uma sensação que havia experimentado pela primeira vez no ensino médio, depois que sua mãe — de má vontade — havia consentido em que ela usasse aparelho nos dentes e aqueles ferros odiados tinham finalmente saído de sua boca. Irina levava muito tempo para assimilar a ideia de que, de repente, os rapazes pareciam achá-la um avião, e, na verdade, a ficha dessa ascensão de status de mais de vinte e cinco anos antes ainda não havia propriamente caído. Mesmo assim, houvera algumas noites como esta, nas quais ela fora conduzida ao carro de um rapaz. A sensação não era propriamente a de ser atraente, mas a de *não ter que agradar*. Era empolgante: acomodar-se na companhia de outra pessoa, mas estando livre da obrigação, minuto a minuto, de redimir a própria existência — porque há um acordo em que, socialmente, ficamos todos na berlinda, sorrindo, fazendo piadinhas nervosas e cruzando as pernas, enquanto uma grande armadilha espreita nos bastidores por trás da cortina. Com as mãos calmamente cruzadas no colo enquanto o Jaguar se afastava do meio-fio, e olhando serenamente

para a frente quando ele reduziu até parar no sinal luminoso, Irina se deu conta de que, naquele exato momento, a simples realidade de sua presença era sua própria redenção. Apesar de ela ter se angustiado pensando em como manter uma conversa com Ramsey Acton, ele já exsudava o ronronar dos extremamente satisfeitos, dando todas as indicações de que ficaria contente da mesma forma pelo resto da noite se ela continuasse a não dizer nada.

— *Sushi?* — perguntou ele, no terceiro cruzamento.

— Sim.

Era maravilhoso: Irina não precisava concordar graciosamente com qualquer plano que ele tivesse feito, nem manifestar-se em tom efusivo sobre como um restaurante japonês seria perfeito. Um *sim* bastava.

Enquanto o Jaguar ronronava pela Blackfriars Bridge, Irina abriu a janela. O ar tinha aquela temperatura da água da banheira em que o calor começa a se dissipar, mas que ainda é bastante morna para uma imersão demorada. A noite de meados de verão estava clara. Um suave brilho avermelhado cintilava nas janelas dos prédios altos, causando a impressão de que a cidade inteira estava em chamas. Os vitrais flamejavam em St. Paul's, como se, afinal, os nazistas tivessem conseguido bombardear a catedral. Camadas de luz solar incendiária coruscavam pelo Tâmis, como uma mancha de óleo em que algum cretino tivesse jogado um fósforo. Enquanto isso, o Jaguar transmitia ao assento recurvado a sensação de cada pedacinho de cascalho como se fosse o grão de ervilha da história da princesa.

— Hoje em dia, todo mundo quer andar em carros altos — disse Irina, finalmente. — Aqueles utilitários esportivos. Quando eu era menina, toda a garotada esperta queria se aninhar o mais perto possível do chão.

— Sou um homem da antiga em todos os sentidos — disse Ramsey —, se você acreditar no que diz a crítica a meu respeito.

— Se eles se referem a seu gosto em matéria de carros, sou totalmente a favor.

Geralmente, Irina não dava a mínima para carros. Mas gostava desse — do fato de ser um clássico de 1965, mas não restaurado, com o estofamento de couro bastante gasto; de ser *valioso*, em vez de meramente caro. O estilo de Ramsey era agressivo na direção, cheio de aceleradas e reduzidas repentinas. Em oposição à articulação delicada de seu corpo, com o refinamento do rosto, a deferência ou até timidez social e a conspícua fluidez de movimentos, todos os quais depunham a favor de uma sutil afeminação coletiva, Ramsey dirigia como homem. Embora, em circunstâncias normais, o jeito brusco de ele costurar por entre as pistas e

quase raspar nos para-lamas adjacentes a deixasse tensa, as manobras eram precisas, uma mescla de ousadia e cálculo que reproduzia à perfeição a autoridade com que ele manobrava o taco numa mesa de sinuca. Irina sentiu confiança nele. Além disso, se, em tese, ela acreditava que as mulheres modernas deviam ser independentes, impetuosas e tudo mais, a verdade era que a passividade antiquada podia ser suntuosa. A renúncia total à responsabilidade apresentava os mesmos atrativos do sono, e o êxtase da rendição ajudava a explicar por que, uma vez por ano, durante quinze minutos, ela se apaixonava por seu dentista. Se o deleite vigoroso de ser custeada e transportada de um lado para outro vinha sendo pouco observado nos últimos tempos, e estava potencialmente a caminho da extinção, mostrava-se ainda mais inebriante por ser retrógrado.

— E, então, o que você fez hoje? — indagou Ramsey.

— Fiz tortas — respondeu Irina, em tom festivo. — Elas são terapêuticas.

— Por que você precisa de terapia?

— Quando Lawrence viaja... tendo a ficar meio fora de prumo. Talvez você não imagine, mas eu tenho um outro lado e... ele tem que ser controlado.

— E o que acontece se não for?

O silêncio foi uma excelente implicação de que era melhor para ambos não descobrir.

— E você, o que fez hoje?

— Treinei umas partidas, mas principalmente me angustiei a tarde toda para saber onde levá-la para jantar.

Vinda da maioria dos homens, essa seria uma conversa mole que soaria bajuladora, mas havia em Ramsey uma ingenuidade engraçada, e era provável que ele estivesse dizendo a verdade.

— Está satisfeito com sua decisão?

— Nunca fico satisfeito.

Enquanto ele jogava a chave para o manobrista, Irina esperou que Ramsey abrisse a porta. O estilo abelha rainha não era do seu feitio, mas, às vezes, agir de forma atípica era como fugir da prisão.

Os japoneses poriam o acento de *Omen* na segunda sílaba, mas, ainda assim, o nome do restaurante exsudava isso mesmo, um presságio. O Omen era pequeno e tinha um ar exclusivo, e a mesa deles era mais exclusiva ainda, isolada nos fundos, no alto de uma escadinha. Se Irina tivera horror de ficar confinada com Ramsey no aconchego mortificante de seu apartamento, a privilegiada localização da mesa do Omen não era menos claustrofóbica. Quando Ramsey estendeu

a mão para fechar a cortina, ela pediu por favor que a mantivesse aberta, “para arejar”. Com uma expressão de perplexidade, ele a atendeu. Os dois mal tinham lido as entradas no menu quando um rapaz subiu saltitante os degraus que levavam à mesa, segurando um cardápio.

— Oi, Ramsey! — sussurrou, como todos se sentem obrigados a fazer nos restaurantes japoneses. — Pode me dar um autógrafo? Isso mesmo, logo aí em cima — disse. Tinha posto o cardápio ao lado dos pauzinhos de Ramsey.

— Sem problema, parceiro — ele respondeu. Tirou do bolso do paletó uma fina esferográfica de ouro; tudo que lhe pertencia parecia reiterar o feitio ereto e elegante de seu corpo, e a própria assinatura era longa e afilada, como seus dedos.

— Genial! Foi uma pena aquele espirro no Embassy — condeou-se o fã. Dado o tremor involuntário de Ramsey, o “espirro” devia ter sido uma tacada nos dentes. A gente sempre pode contar com os estranhos para acertarem desastrosamente no nervo exposto. — Você teria ganhado a partida, e o jogo também!

— Todo mundo enfrenta um espirro — disse Ramsey, encolhendo fatalisticamente os ombros ao se referir aos minúsculos grãos de giz capazes de tirar a tacadeira de sua trajetória. Que profissão estranha era essa, na qual um indivíduo podia ser derrubado por um grão!

— Saúde, parceiro! — exclamou o fã, acenando com o cardápio do qual o Omen agora teria que abrir mão, e balançou a cabeça com ar petulante em direção a Irina. — Vocês da sinuca pegam todos os aviões! Que é que sobra para nós?

— Era por isso que você queria fechar a cortina — comentou Irina depois que o rapaz se afastou. Não era a primeira vez que abordavam Ramsey para lhe pedir um autógrafo, em ocasiões em que eles haviam saído juntos, e em geral Irina achava divertida essa adulação. Só que, dessa vez, sentia-se possessiva em relação à companhia dele, numa noite que até pouco antes parecera abrir um abismo diante dela, mas agora já parecia curta.

— Agora é tarde, lá se foi o segredo. Mas a Jude, sabe, tinha um ódio feroz dos caçadores de autógrafos.

— Pela interrupção?

— Aquela perua não odiava só os fãs de sinuca, odiava a própria *ideia* de fãs de sinuca — respondeu ele, enxugando as mãos numa toalha quente. — Para Jude, os jogadores de sinuca eram como colegas equilibrando uma pilha de dez moedinhas na hora do almoço. É um jogo legítimo para eles e não faz mal nenhum, mas ninguém lhes pede autógrafos.

A garçonete chegou para anotar o pedido; sentindo-se extravagante, Irina fez acréscimos *à la carte* à luxuosa bandeja de *sashimi*, que incluía ouriços-do-mar e camarão doce.

— Se a Jude achava a sinuca vulgar — disse, retomando a conversa —, por que se casou com você?

— Eu tinha dinheiro e influência, e ela ainda podia desdenhar da minha ocupação. O melhor de dois mundos, não é?

— Ela não achava bacana você aparecer na televisão, pelo menos no começo?

— Sim, não tenha dúvida. Mas é engraçado como aquilo que nos atrai numa pessoa é o mesmo que passamos a desprezar nela.

Irina balançou uma fatia translúcida de pepino.

— Se a relação da Jude com as minhas ilustrações pode servir de parâmetro, você tem razão. Sabe o que ela me disse?

Ramsey bateu com um pauzinho na mesa:

— Aposto que ela não foi nada diplomática. Mas você já se perguntou se uma ou duas observações dela não acertaram na mosca?

— Como eu poderia achar que o que ela disse “acertou na mosca” e depois continuar trabalhando?

— Ela achava que sua composição era brilhante e que sua habilidade artística era o fino. Mas havia alguma coisa naqueles primeiros livros, uma impetuosidade... isso passou a faltar.

— Bem, a gente não *introduz* “impetuosidade”, pura e simplesmente! “Ah, vou acrescentar um pouquinho de impetuosidade!”

Ramsey deu um sorriso forçado.

— Não torça o nariz. Eu só estava tentando ajudar. E acabei metendo os pés pelas mãos, ainda por cima. Não conheço seu ramo. Mas eu achava mesmo que você tinha muito talento.

— No pretérito?

— O que a Jude andou falando... é meio difícil pôr aquilo em palavras.

— A Jude não teve nenhuma dificuldade em pôr tudo em palavras — contrapôs Irina, ressentida. — Alguns adjetivos, como *chocho* e *sem vida*, são muito evocativos. E ela também pôs em prática essa reprovação desdenhosa, e encarregou outro ilustrador de cuidar do seu roteiro moralista. Tive que jogar fora um ano de trabalho.

— Lamento, querida. E você acertou em cheio: isso de que estávamos falando não é uma coisa que se possa acrescentar feito uma pitada de sal. Não é uma coisa que esteja por aí, corre dentro da gente. Como na sinuca.

— Bem, acho que fazer ilustrações já não é tão divertido para mim como costumava ser. Mas que outra coisa é?

As expectativas degenerativas de Irina pareceram entristecê-lo.

— Você é moça demais para falar desse jeito.

— Tenho mais de quarenta anos e posso falar o que quiser.

— Está certo; então, você é bonita demais para falar desse jeito.

Lawrence costumava descrevê-la como *bonitinha*, e embora Ramsey estivesse sendo meio inconveniente, o adjetivo mais sério foi reconfortante. Sem graça, Irina pelejou com as tirinhas gordurosas de enguia.

— Se sou, não era. Fui uma garota magrela. Ossuda, joelhuda.

— Quanta conversa mole! Nunca conheci uma garota que não se orgulhasse de ser magra.

— Mas eu também era desajeitada. Desengonçada, sem graça. Você acha que isso também é me gabar?

— É difícil de acreditar. Sua mãe não era bailarina?

Irina sempre ficava admirada quando alguém se lembrava de detalhes biográficos mencionados anos antes.

— Bem, ela parou de dançar depois que eu nasci. Coisa que nunca me deixou esquecer. Enfim, eu despertava aversão nela. Não tinha flexibilidade. Não conseguia abrir *spaccatto* nem pôr os calcanhares atrás da cabeça. Mal conseguia tocar nos dedos dos pés. E vivia derrubando coisas.

Irina falava com as mãos; com um sorriso, Ramsey afastou o chá verde do alcance dela.

— Ah, era pior do que isso — ela prosseguiu. — Acho que há uma porção de garotas que não são a Anna Pavlova. Mas eu era dentuça.

Ramsey inclinou a cabeça:

— A mim essa me parece uma bela dentadura.

— Acho que minha mãe não teria feito nenhum esforço para consertá-la, mas, por sorte, meu pai pagou o aparelho. É verdade, meus dentes da frente não eram só meio tortos. Saíam da boca e se apoiavam no meu lábio inferior — disse Irina, fazendo uma demonstração, e Ramsey riu.

— Bom, você me ajudou a explicar uma coisa. Você não tem... consciência de si mesma. Você *é* bonita, e espero que não se incomode por eu dizer isso. Mas parece não saber.

Acanhada, Irina pegou o copinho de saquê, só para descobrir que estava vazio; fingiu tomar um gole.

— Minha mãe é muito mais bonita do que eu.

— Mesmo admitindo que um dia isso tenha sido verdade — objetou ele, fazendo sinal para pedir outra rodada de saquê —, você deve estar querendo dizer que ela *foi*.

— Não, ela é. Aos sessenta e três anos. Comparada a minha mãe, eu sou um canhão. Ela ainda passa horas se exercitando na barra. E tudo com três talos de aipo e uma folha de alface. Desculpe, meia folha.

— Ela parece ser um perfeito pé no saco.

— E é: *um perfeito pé no saco*.

Chegaram as bandejas de *sashimi*, e o *chef* era um artista tão esmerado — o atum picante estava enrolado em folhas de ouro comestíveis — que comer sua criação parecia um ato de vandalismo.

— Por mim — disse Ramsey, examinando a bandeja com a mesma expressão respeitosa de olhe-mas-não-toque com que tinha fitado Irina junto ao carro —, quando vejo essas garotas saradas andando na calçada, a primeira coisa que me vem à cabeça não é “Puxa, bem que eu gostaria disso aí!”, mas “Raios a partam, ela deve passar o dia inteiro na academia”. Não vejo beleza, só vaidade.

— É uma bela desculpa para fugir dos abdominais: ah, não quero parecer “vaidosa”.

— Não há a menor chance, gatinha.

Irina franziu o cenho:

— Sabe, alguma coisa mudou quando tirei aquele ferro dos dentes. Muita coisa mudou. Foi meio assustador.

— Como assim?

— Todo mundo me tratou como se eu fosse uma pessoa completamente diferente. Não só os rapazes, mas as moças. Você provavelmente foi bonito a vida inteira, de modo que não faz ideia.

— Eu sou?

— Não banque o modesto. É como eu fingindo me envergonhar de ter sido magra — ela respondeu. Com medo de estimular algo que não deveria incentivar, acrescentou: — Só estou querendo dizer que você tem feições bem proporcionadas.

— Genial — comentou ele, em tom seco. — Estou emocionado.

— Tenho a convicção de que as pessoas de aparência decente...

— Gosto mais de *bonitas*.

— ... Está certo, bonitas, então. Elas não fazem ideia de que o modo como são tratadas... do quanto isso tem a ver com a aparência. Sou capaz até de apostar

que as pessoas atraentes têm uma opinião elevada da humanidade. Como todos são sempre gentis com elas, elas acham que todo mundo é bonzinho. Mas nem todo mundo é bonzinho. E as pessoas são de uma superficialidade incrível. É deprimente, para quem já esteve do outro lado. A gente é tratada como chiclete na sola do sapato, ou pior, como coisa nenhuma. É como se não fôssemos só desagradáveis aos olhos, mas invisíveis. Os feios, os gordos, até as pessoas que simplesmente não são nada de especial, sabe? Eles têm que se esforçar mais para agradar. Têm que fazer alguma coisa para ser bem-sucedidas, ao passo que, quando a pessoa é bonita de ver, não tem que fazer nada além de ficar lá parada, e todos ficam completamente encantados.

Irina não estava acostumada a falar tanto. Logo no começo desse discurso Lawrence a teria interrompido, para que ela dissesse aonde queria chegar, e basta. Ao não fazer nada para silenciá-la, Ramsey havia induzido aquela sensaçãozinha de queda de quando se espera encontrar resistência e não a encontra, como ao pisar inesperadamente fora do meio-fio.

— Ser dentuça no começo do secundário — concluiu ela, hesitante — deve ser a preparação ideal para o envelhecimento. Para as pessoas bonitas, envelhecer é um choque terrível. Algo assim como: “O que está acontecendo? Por que ninguém mais sorri para mim quando me olha?” Mas para mim não será um choque. Vai ser: Ah!, é aquilo. Aquilo de novo. Os dentes.

— Besteira. Você continuará a ser deslumbrante aos setenta e cinco anos.

— Vá sonhando, companheiro — retrucou ela, com um sorriso. — Mas *voce*, você tem aquela cara reveladora do garoto por quem todas as meninas desmaiam no segundo grau. No curso secundário preparatório — corrigiu-se, usando a denominação britânica para o curso de ensino médio que precede os estudos universitários.

— Detesto desapontá-la, minha flor, mas não frequentei nenhum secundário preparatório. Foi o secundário profissionalizante, a escola técnica. Levei pau no exame de admissão.

— Eu sei — disse Irina. Desde então, os britânicos tinham se convertido ao sistema “inclusivo” na maior parte do Reino Unido, mas, na época de Ramsey, trêmulas crianças de onze anos eram submetidas a uma extenuante separação entre o joio e o trigo, cujo resultado determinava se iriam para as escolas preparatórias dos que se destinavam à universidade, ou para escolas secundárias de nível inferior, que visavam a incentivar o ingresso em atividades e ofícios subalternos. — Deve ter sido doloroso.

— Não me incomodei, sabe? Eu queria ser jogador de sinuca. Nossa, eu matava mais aulas do que ia à escola.

— Mesmo assim, eu posso imaginar. Você era o tipo de garoto por quem todas as feias como eu tinham uma paixão sem esperança, lá na última fila, enquanto você saía com a única menina da turma que tinha seios desde os dez anos.

A imagem lhe ocorreu imediatamente. Talvez fosse o efeito Peter Pan de passar o dia inteiro jogando sinuca, mas Ramsey ainda parecia um adolescente. Até o cabelo, ficando menos grisalho do que branco, reluzia à luz das velas num louro de surfista.

— Talvez eu tenha tido minhas opções — admitiu ele —, mas só como uma percepção tardia. Na época, as garotas me deixavam morto de medo. Eu tinha treze anos, sabe? Uma menina chamada Estelle, que era um ou dois anos mais velha, me levou ao quarto dela e tirou a blusa. Fiquei olhando para os cartazes dos Beatles que havia no quarto, ou para qualquer outro lugar, menos para os peitos dela, respunguei alguma coisa sobre um treino de sinuca e me mandei com minha bicicleta. Não tinha a mínima ideia do que devia fazer.

— Você a largou lá, parada no quarto, sem blusa? Aposto que ela adorou.

— Se bem me lembro, nunca mais falou comigo.

— Mas você acabou descobrindo. O que fazer.

— Pensando bem, não tenho muita certeza.

— Eu poderia indicar-lhe uns manuais sobre passarinhos e abelhinhas, mas devo avisar que a maioria deles tem um público-alvo de cinco a oito anos.

— Para ser franco, as lembranças mais eróticas da minha vida não têm nada a ver com transar — refletiu Ramsey. — Tive uma namorada no secundário, nisso você tem razão. E a menina tinha seios, sim, mas eram pequenos. Pequenos e perfeitos. Éramos inseparáveis, e aposto que o resto da escola presumia que estávamos transando até não poder mais. Não estávamos. Denise era miúda e tinha o cabelo preto, como você. Calada. Passava todas as noites que podia no Rackers, o clube local de sinuca em Clapham, me vendo dar surras em caras com o dobro da minha idade, para arrumar uma nota de cinco libras por partida. Eu dava a grana para ela segurar, e o meu casaco também, e ela conhecia o sinal para “a concorrência tá ficando ouriçada, é melhor dar no pé ligeirinho”. Gostava de passar giz no meu taco.

— Parece metafórico.

— Bem, há certo mérito em alguém passar giz no taco da gente, ponto final, e não no sentido obsceno. Quando eu terminava a última partida, levava Denise

para casa. Ela carregava o estojo com meu taco. Eu segurava a mão dela. Sempre andávamos por Clapham Common e parávamos no meio do caminho, no mesmo banco do parque. A gente passava horas se agarrando lá. Parece inocente; acho que era. Aqueles beijos, eles eram mesmo intermináveis, e cada um diferente do outro... Eu não ficava explodindo de ansiedade para fazer nada além daquilo. Não me sentia tapeado. Mas foi melhor ninguém me avisar que, aos dezesseis anos, eu estava vivendo o auge da minha vida erótica. Ainda tenho sonhos com a Denise e com aquele banco no Common.

Irina sentiu o frêmito de uma emoção que teve medo de denominar. Nos primeiros tempos com Lawrence, eles também tinham passado horas no surrado sofá marrom do apartamento da rua 104 Oeste, fazendo respiração boca a boca. Mas essas lembranças tinham se tornado preciosas demais. Num ponto indeterminado do segundo ano de sua vida em comum ela notara que os dois já não se beijavam — beijar de verdade, do jeito a que Ramsey se referia, embora ainda trocassem um beijinho ao se despedirem. Provavelmente, não seria justo atribuir toda a culpa a Lawrence, mas Irina não conseguia resistir à impressão de que fora *ele* quem havia parado de beijá-la. O casal tinha uma vida sexual intensa, e parecia absurdo concentrar-se nos déficits da fachada decorativa sensorial. Ultimamente, porém, quando via os atores se beijando nos filmes, Irina sentia uma mescla confusa de alienação — que obscuro costume antropológico era aquele de pressionar os lábios um do outro? — e inveja.

— O beijo... — arriscou-se a dizer, em tom nostálgico. — Ele é mais emocional do que a transa, não é? Especialmente hoje em dia, talvez signifique mais.

— Não quero diminuir a importância da transa, mas beijar pode ser mais divertido.

Num intervalo subsequente da conversa, Irina atacou seu prato de *sashimi*, agora agradavelmente vandalizado. Os nacos cremosos de peixe pendiam indolentes dos *hashis*, com uma textura carnosa indefinivelmente obscena. O sabor era puro e bem nítido, um alívio depois de nove dias de bolo de chocolate com *cappuccino*, cuja cobertura grudenta de café deixava resíduos de uma laminha.

— E, então, há quanto tempo vocês são casados? — perguntou Ramsey, com ar formal.

— Bem, tecnicamente — admitiu ela, mordiscando um marisco gigante —, não somos.

Ramsey bateu com os *hashis* no prato.

— Mas o cara chama você de *esposa*!

— Eu sei. Ele diz que tem quarenta e três anos e está velho demais para ter uma “namorada”.

— Então, basta casar com você, não é? Parece desleixo.

— Lawrence detesta pompa. De qualquer modo, hoje em dia a única segurança verdadeira são as boas intenções. Não se pode *casar* do mesmo jeito que antigamente, não depois do advento do divórcio instantâneo. Por isso, não tem importância. Sei como ele se sente.

— É, ele a adora — disse Ramsey. — Essa é uma das coisas de que gosto ao visitar vocês. Você e Lawrence são como... Gibraltar.

— E você? Vai tentar de novo?

— Acho que já dei a coisa por encerrada.

— Todo mundo diz isso depois do divórcio, e é sempre uma bobagem.

— Certo. Mas é sujeira sua tentar me tirar essa fantasia consoladora.

Com sua fidelidade a Lawrence firmemente restabelecida, Irina pôde dar-se o luxo de ser bisbilhoteira:

— Devo entender que isso significa que você não está saindo com ninguém?

— Não que se possa notar.

Não havia motivo para ela ficar satisfeita.

— Mas vocês, jogadores de sinuca, não são constantemente paquerados pelas fãs? Como a *Estelle*, arrastando-os para os quartos e tirando a blusa?

— Não chega a ser tanto quanto no futebol; a sinuca é um esporte preponderantemente masculino. Mas também não é muito diferente da escola. Eu tenho... — e Ramsey fez uma pausa decorosa — ... umas opções.

— A Jude o deixou com raiva?

— A Jude me deixou *acabado*. Nada nunca era suficiente. Compramos uma casa na Espanha; devia ter sido na Toscana. Quer dizer, tudo bem para ela, ela é uma mulher com grandes expectativas na vida, e isso é fabuloso. De verdade, é do cacete. Mas quando a gente esculhamba essas expectativas, quer dizer, quando basta o sujeito entrar na sala para a mulher querer se matar de decepção, bem, a coisa fica meio desgastante. Não posso dizer que eu tenha me recuperado por completo.

“A Jude tem *ideias* das coisas — especulou Ramsey. — Quando a vida real não saía conforme o esperado, ela ficava tentando forçar a realidade a se encaixar na ideia, em vez de fazer o contrário. Entende o que eu quero dizer? A sinuca treina a gente a não fazer isso. Depois de cada tacada, é outra partida, totalmente diferente. A gente lida com as bolas do jeito que elas estão, não como estavam no minuto

anterior, quando se tinha todo o número de pontos planejado. A Jude tinha uma *ideia* do que seria escrever livros infantis, uma ideia que não incluía rejeições nem uma vendagem de merda, nem ter que contemporizar com ilustradores como você. Sabe, ela se imaginava fazendo a ronda de bibliotecas e lendo em voz alta para garotos embasbacados de seis anos, todos de olhos arregalados e queixo caído. Porra, ela devia jogar sinuca, se era esse o tipo de público que queria. Aliás, desconfio que ela partiu de uma imagem completamente irreal do que era viver com um jogador de sinuca. A rotina solitária de eu passar a maior parte do ano em turnê foi um choque. E, assim, ela me atormentava para voltar para Londres entre os torneios e, enquanto isso, concebia essa ideia de mim, como uma foto retocada, e quando eu fazia o que ela pedia e o Ramsey Real dava as caras, ela ficava toda aborrecida.

“Acho que o resumo da história — concluiu ele, pedindo uma quarta rodada de saquê — é que tem que ser perfeito, caso contrário, não estou interessado. Como você e o Lawrence.”

DURANTE ANOS Irina havia imaginado que só a presença de Jude e Lawrence havia permitido que ela passasse mais que dez minutos à mesa com Ramsey Acton. Aparentemente, porém, desde 1992, aqueles dois não tinham facilitado a relutante relação de Irina com ele. Haviam atrapalhado.

Assim, quando os dois chegaram ao prato compartilhado de sorvete de chá verde, a comemoração havia assumido o caráter de um feriado escolar. Lawrence ficaria estarecido. Se estivesse presente, ele teria afagado seu único copo de cerveja Kirin durante todo o *teriyaki* de frango (detestava peixe cru), fechado a cara diante do segundo saquê de Irina e, no terceiro, manifestado publicamente seu repúdio, dizendo que ela já havia bebido o bastante; o quarto ele não só desestimularia, como vetaria francamente. Ficaria enojado por ela aceitar um Gauloise sem filtro ao término da refeição, abanaria a fumaça para afastá-la do rosto e, mais tarde, evitaria o hálito dela no radiotáxi para casa — “Você está cheirando a cinzeiro!” —, como se, caso Irina houvesse renunciado ao cigarro, algum dia ele pensasse em beijá-la no banco traseiro de um táxi. Era quase uma hora da manhã, e muito antes disso ele teria afastado a cadeira e espichado o corpo com um cansaço teatral, porque estava na hora de ir embora. Lawrence não era obcecado com micróbios, mas Irina tinha a sensação curiosa de que ele não teria gostado do fato de ela e Ramsey dividirem a mesma taça de sorvete. De uma coisa tinha certeza: se Ramsey propusesse aos dois, como fez a ela, enquanto ela apagava

pesarosamente o Gauloise, que eles voltassem à sua casa na Victoria Park Road para fumar um baseado, Lawrence teria descartado a ideia como uma coisa ridícula. Ele podia ter dado seus *tapinhas* em tempos idos, mas agora Lawrence era um homem adulto, Lawrence já não fazia uso de nenhum tipo de droga, e isso significava, por conseguinte, que Irina também não usava drogas.

Mas, por outro lado, Lawrence não estava lá, estava? Esse era o feriado.

Então, e se ela dissesse sim, e depois lhe confessasse, na volta de Sarajevo, que dera uma passada na casa de Ramsey para fumar um baseado? Ele a repreenderia por ter tido um comportamento “juvenil”. Lembraria que ela sempre se fechava quando ficava doidona, e recordaria aquela última vez em que os dois tinham usado maconha, em 1989, na rua 104, e Irina havia passado três horas em silêncio, olhando fixo feito uma idiota para o papel de parede estampado. Curiosamente, a única coisa que Lawrence não observaria era que ela era (ou assim diziam) uma mulher bonita; que, embora fosse casada em todos os sentidos, menos legalmente, fazia um ano e meio que Ramsey estava divorciado, e fizera questão de deixar claro que estava disponível; e que, portanto, ir à casa dele àquela hora, ainda por cima para fumar maconha, poderia ser perigosamente mal interpretado. Por que essa era a única coisa que Lawrence jamais diria? Porque era a mais importante. E Lawrence tinha medo do mais importante. Tendia a falar febrilmente de tudo, sempre contornando o principal, como quem o enrolasse em barbante. Presumivelmente, se ele falasse em círculos em torno da coisa principal por tempo suficiente, ela ficaria ali caída, derrotada, arfando de lado, como um capão laçado.

No entanto, aceitar o convite disparatado de Ramsey implicaria, enfaticamente, guardar segredo de Lawrence sobre o fim da noite. Embora Irina sempre tivesse considerado os segredos entre parceiros um verdadeiro veneno, alimentava uma teoria concorrente sobre os *segredinhos*. Talvez ela tivesse fumado um ou dois cigarros, escondido, menos por gostar da excitação da nicotina em si do que por se comprazer com o segredo. E se perguntava se a pessoa não precisava guardar umas coisinhas para si, mesmo na mais íntima das relações — especialmente na mais íntima, que, de outro modo, traria a ameaça de subsumir o indivíduo a um gêmeo siamês (que *não usava drogas*) que desafiaria a separação cirúrgica. Um ou outro cigarro na ausência dele lhe confirmava que, quando Lawrence saía porta afora, ela não desaparecia simplesmente, mas conservava dentro de si uma capacidade oculta de *indocilidade* que valorizava em si mesma desde a adolescência, quando, vez por outra, jogava para o alto sua imagem de primeira aluna e matava aula com os elementos mais repulsivos que conseguia encontrar.

— Claro, por que não?

Ao transpor a escada do cantinho reservado deles sobre os saltos altos, cada degrau exigiu de Irina uma concentração tão aguda que pôr um pé à frente do outro foi como recitar um pequeno poema. Mais uma vez, aquela mão pairou junto a suas costas, sem tocá-las.

DO LADO DE FORA, ela achou que deveria haver uma palavra para aquilo: uma temperatura do ar perfeita, nem quente nem fria. Um grau a menos e ela talvez sentisse um leve receio por não ter levado uma jaqueta. Um grau a mais e talvez uma película de suor brilhasse junto à linha do cabelo. Mas, naquela medida exata, Irina não precisava de agasalho nem de brisa. Se houvesse uma palavra para essa temperatura, teria que haver um corolário para o êxtase particular de saudá-la — a despreocupação, a ausência de necessidade, a suspensão da urgência, como se o tempo pudesse ou devesse parar. Em geral, a temperatura era uma batalha; somente nesse fulcro exato ela era um efetivo deleite.

Os dois andaram pela calçada a uma distância alguns milímetros mais perto do que seria propriamente de bom-tom. Erro: talvez nada nessa noite tivesse tido coisa alguma a ver com um erro, mas, quanto a essa curta caminhada por Charing Cross, Irina teria certeza, ao rememorar-la, de que ela é que tinha andado um pouquinho perto demais de Ramsey.

No entanto, quando o manobrista chegou com o Jaguar, Irina estava nervosa. O fluxo descontraído da conversa no Omen tornara-se um gotejo inconstante, e o embaraço anterior dos dois, um com o outro, se restabelecera com vigor. Era uma maluquice. Ela havia bebido demais (quatro saquês dos *grandes*). Nem conseguia se lembrar de como era ficar chapada, o que reprimia a vontade de fazê-lo. Ela deixara os cremes de ruibarbo esfriando na bancada e precisava pôr as tortas na geladeira. Estava cansada — ou deveria estar. Lawrence talvez telefonasse; sem ninguém para atender às duas horas da manhã, imaginaria que havia acontecido alguma coisa terrível. Mas escusar-se na última hora pareceria covardia e encerraria o aniversário de Ramsey com um toque de rejeição. Bem, ela poderia dizer a Lawrence, caso ele ligasse, que os dois tinham deparado com um daqueles engarrafamentos ridículos encontrados em Londres nos horários mais improváveis. Às vezes, quando se cometia um erro, era preciso ir em frente.

O clima no carro foi lúgubre. Em vez de estar indo se divertir, era como se Irina fosse uma daquelas rígidas garotas britânicas de antigamente, sendo arrastada

para o exame de admissão que poderia determinar se ela acabaria conduzindo cirurgias cardíacas com *bypass* ou esfregando banheiros públicos.

A maioria dos colegas de Ramsey fora criada em enclaves sórdidos, como o leste de Belfast ou as zonas mais violentas de Glasgow. Quando os jogadores de sinuca vindos de áreas de risco começavam a vencer, a primeira coisa que faziam era mudar-se de lá. Mas Ramsey tinha crescido em Clapham, na época um local bem simples, embora prático, porém agora uma região metida a besta e cheia de si, repleta de casas geminadas apertadas e pequenas, mas surpreendentemente caras, que mereceriam o rótulo de “gracinhas”. Talvez para manter seu credo urbano proletário, a primeira coisa que Ramsey fizera, depois de conquistar alguns títulos, fora mudar-se para o coração do proletariado: o East End londrino, com seu dialeto peculiar — o *cockney*.

É claro que dificilmente se poderia chamar aquilo de sofrimento. Ele possuía uma casa vitoriana na Victoria Park Road, a fronteira meridional de Hackney. Irina estivera na casa um punhado de vezes, quando trabalhava em parceria com Jude, e era lá que as duas haviam chegado às agressões verbais que tinham encerrado a amizade. Numa espécie de exacerbação sanguinolenta, Jude havia atacado muito mais do que as ilustrações de Irina, passando-lhe uma descompostura por ser um “capacho” de Lawrence e desdenhando de sua invejável satisfação doméstica como “sonambulismo”. Tudo porque Irina se atrevera a sugerir que a última narrativa de Jude, *Bocão*, era meio óbvia (a propósito dessa história — que falava de um cachorro que latia o tempo todo e que ninguém suportava, até que, certa vez, quando estava latindo, aspirou uma bola jogada por alguém e não poderia mais latir, e então a família inteira tinha passado a adorá-lo —, Irina havia comentado que “até as crianças vão perceber que você só está tentando fazê-las calarem a boca”), para não mencionar o fato de ser ilógica (“Mas, Jude”, dissera ela, hesitante, “quem aspira uma bola não para de falar, não é? Morre asfixiado.”). Jude a havia acusado de ser “passivo-agressiva”, termo fartamente mal utilizado, nos últimos tempos, com o significado de “agressivo”, e citara a literalidade dela a respeito da bola como típica do universo maçante e tacanho que Irina tinha passado a habitar. Quando o Jaguar enveredou pela entrada de automóveis, essa lembrança foi incômoda.

Irina não bancou a princesa, e abriu sua porta do carro. No entanto, acompanhar Ramsey pelos degraus ensombrecidos da escada da entrada ainda assumiu o presságio sinistro de um conto de fadas, como se ela estivesse entrando em Oz ou no castelo de Gormenghast, onde as leis eram diferentes, nada era o que

parecia e as paredes das bibliotecas se abriam e revelavam calabouços secretos. Ela se sentiu ouvindo a narrativa dos dois minutos anteriores na cadência valsada e enfática com que as pessoas leem compulsivamente para as crianças: *Irina subiu os grandes degraus do solar sinistro do homem alto. A porta gigantesca abriu-se com um rangido e depois se fechou atrás dela, com um bum e um clique.*

Tarde demais, a garotinha se lembrou de que a mãe a alertara a nunca, nunca entrar no carro de um estranho! Certo, a mãe de Irina nunca a havia alertado a não entrar na casa de um estranho, especialmente sem ser protegida por seu valente amigo Lawrence. Mas isso era porque sua mãe nunca havia imaginado que a filha fosse uma imbecil.

O interior ainda era decorado com tapetes orientais e antiguidades sombrias, porém algumas peças de aparência mais valiosa de que Irina se lembrava tinham sumido. Para as mulheres, os casamentos desfeitos frequentemente resultavam numa acumulação do butim; para os homens, esses projetos fracassados de otimismo implausível tendiam mais a se manifestar na escassez material. Era difícil resistir à impressão metafórica de que as mulheres ficavam com o próprio passado, enquanto ele era simplesmente roubado dos homens. Ali, um retângulo mais escuro no tapete indicava o lugar em que um dia ficara o sofá de couro, e quatro depressões fundas evidenciavam a partida de um aparador pesado de mármore cor-de-rosa, que um dia Irina havia admirado. Quadrados fantasmagoricamente brancos, nas paredes de tom creme, pairavam como o suprassumo do expressionismo abstrato, ao passo que as obras de arte originais que um dia haviam adornado o térreo tinham sido bem mais conservadoras. Mas Ramsey poderia arcar com a reposição do que quer que Jude houvesse surrupiado. Ou era apegado a sua autoimagem de asceta, ou fazia questão de preservar o ressentimento visualmente vivo na memória.

Ele serviu duas doses generosas de conhaque. Como Jude se escafedera com o sofá e as poltronas, não havia onde sentar. E disse Ramsey:

— Vamos descer.

Ah! O calabouço.

Irina o seguiu até o subsolo. Ramsey acendeu a lâmpada acima da mesa de sinuca, o que imbuíu a vastidão de feltro verde e sua reluzente moldura de mogno de um aspecto sagrado, banhando o resto do cômodo cavernoso com uma luminosidade discreta e reverente de uma catedral. Divãs de couro escuro circundavam sua sala particular como bancos de igreja, e Irina tomou pequenos goles de sua taça de conhaque com a gravidade de quem bebesse do cálice da comunhão. Aquele era o coração da casa, sem dúvida o lugar em que Ramsey passava a maior

parte do tempo. A taqueira captava a luz da lâmpada. Um armário exibia dezenas de troféus; enfileirados, seis pratos de cristal sustentados de pé, conferidos pela segunda colocação no Campeonato Mundial, davam a impressão de sorrir na prateleira mais alta, como dentes arreganhados. As paredes eram adornadas por pôsteres envidraçados de torneios e jogos de exibição, de Bangcoc a Berlim — uma decoração que Jude fizera a gentileza de deixar que seu ex conservasse. O provável era que raras vezes ela houvesse se aventurado ali, e a opção de Ramsey de se recolher ao subsolo devia ter facilitado a duração do casamento por sete anos inteiros. Irina sentiu-se admitida numa espécie de santuário. A iluminação dourada e circunscrita, a suntuosidade transcendental do estofamento de couro quando seu corpo afundou nele, o majestoso tapete fofo e vermelho sob suas sandálias, tudo isso intensificou a sensação de ela ter penetrado num reino mágico e secreto por um armário ou um espelho.

Ramsey pegou uma caixa de madeira de aspecto medieval. Embora a própria Irina tivesse reduzido a distância entre os dois em Charing Cross por aqueles escandalosos milímetros, ele foi sentar-se no lado oposto do sofá, bem encostado no braço. Com ar reverente, pegou um maço de folhas de papel Swan, uma lâmina de um só gume e uma caixinha redonda de estanho, emborcando-a na mesa e derramando seu conteúdo denso e escuro. Depois de cortar um Gauloise com a lâmina, pôs o fumo sobre um papel de cigarro. Acendeu o fino isqueiro de prata, passou o haxixe sobre a chama, pegou uma pitada da resina amaciada e salpicou uniformemente seus grãos sobre o baseado. Os grãos pretos que caíam da ponta de seus dedos lembravam as poções tenebrosas que mergulharam a Bela Adormecida em seu sono prolongado, ou derrubaram Branca de Neve no chão frio.

O baseado que ele entregou a Irina, esticando o braço, já que ela estava muito longe, era primorosamente fino e uniforme, afilando-se numa ponta delicada. Ela aceitou duas tragadas, mas abanou a cabeça com esforço quando lhe foi oferecida a terceira. Ramsey deu de ombros e ele mesmo acabou com o resto.

Fosse qual fosse a quantidade, ela teve pavor de ouvir de Ramsey as longas divagações associativas que a maconha é capaz de induzir, e ainda pior os acessos de riso que a droga só parece provocar nos filmes, seus temores eram infundados. Ramsey levantou-se do sofá e passou a ignorá-la. Abriu o estojo, montou o taco e preparou o conjunto de bolas. Deu a saída delicadamente pela esquerda. Quando encaçapou uma vermelha livre com uma tacada de efeito, a branca chocou-se como um canhão com o arranjo piramidal, espalhando as vermelhas em posições que levariam a tacadas fáceis.

Como o baseado, essa exibição foi coisa de garoto. Ele a convidara a sua casa e, portanto, tinha certa obrigação de bancar o anfitrião. Arrastá-la para essa exibição no subsolo era o tipo de jogada infantil feita para impressionar, que, aos quarenta e sete anos, o sujeito realmente já deveria ter superado.

De qualquer forma, Irina só o vira jogar pela televisão e, em três dimensões, a mesa de 1,80m x 3,60m era muito maior do que parecia na tela. De perto, a precisão das tacadas de Ramsey, a certeza com que elas eram escolhidas e a exatidão extraterrena com que cada bola matada o preparava para a seguinte não pareciam humanas. Conforme ele se deslocava de uma tacada para outra, sua camisa de seda preta oscilava na brisa que vinha das janelas abertas para o poço de iluminação. As bolas pareciam rolar suavemente, por vontade própria, para as caçapas designadas, passando umas pelas outras por um fio, mas sem nunca se tocarem, a menos que Ramsey planejasse capitalizar no contato. Rolando pelo pano, as bolas luminosas eram hipnóticas; as cores pareciam pulsar. A brisa levantou os pelos finos dos braços nus de Irina, novamente o ar não era quente nem frio. A resina de maconha parecia suave, e Irina se indagou por que se deixara ficar tão cheia de nós pelas costas ante a perspectiva dos efeitos de um narcótico tão comum.

Ramsey havia rearrumado as bolas para outra partida e Irina tomara um golinho de abstinência do conhaque quando... aconteceu alguma coisa. A droga, ela constatou, não era fraca. Para apenas dois tapinhas, estava muito longe de ser fraca. A neutralidade do ar se desfz e, sob a blusa branca, os seios dela começaram a esquentar, como os aquecedores dos assentos dos carros de luxo. Irina raramente pensava em seus seios. Lawrence havia admitido alegremente que “não era chegado a tetos” e, já que seu marido *de facto* nunca os cumulava de atenção — sem mencionar que nem sequer os tocava de um modo digno —, a própria Irina não via razão para lhes dar grande valor. Mas, nesse momento, eles pareceram rebelar-se contra esse descaso, porque uma foto infravermelha do corpo de Irina os retrataria com o vermelhão ardente que, no fim da tarde, tinha flamejado nas janelas da Catedral de St. Paul. Horrorizada, ela estava quase convencida de que os seios tinham começado a brilhar, e cruzou os braços sobre o peito, tal como fizera na noite anterior, ao se arriscar a dizer por telefone a Ramsey, em russo, “Quando nós conversamos, eu me sinto nua”.

Essa sensação de estar envolta em fios elétricos, que algum mexeriqueiro havia ligado na temperatura máxima, começou a se espalhar. O abdômen latejou, fazendo ondas de um calor alarmante subirem para o diafragma e descerem para as coxas. Irina afligiu-se. Aquilo não era sensação que uma mulher decente devesse

ter que suportar quando acompanhada. Mesmo admitindo ser provável que seu tronco inteiro não estivesse piscando em vermelho vivo, como um semáforo no cruzamento da linha do trem com uma rodovia, ela teve certeza de que sua transformação de ilustradora pudicamente vestida em tocha humana, ainda que de forma insidiosa, começaria a transparecer.

Devagar e com apreensão, Irina virou a cabeça para a mesa de sinuca, já que, em seu estado inconveniente, parecia mais seguro não mexer um fio de cabelo. Mas Ramsey nem notou. Tinha o rosto impregnado de uma concentração tão serena que ela se perguntou se lhe teria prestado um desserviço; aquilo não caía bem, é claro, parecia certo exibicionismo, mas, com certeza, era exatamente o que ele fazia quando se drogava — descia e se exercitava na sinuca —, e era exatamente o que teria feito se Irina não tivesse aceitado o convite para ir a sua casa. Até aquele momento, Ramsey ainda não lhe dera uma só olhadela furtiva, depois de uma tacada brilhante, para ver se ela estava prestando atenção. Afinal, seu manejo impecável do taco tinha sido cumulado de toda sorte de elogios desde que contava uns oito anos, e não era para seu jogo de sinuca que ele ansiava por admiração. Engraçado como Irina tinha levado até esse instante exato para notar — não notar naquele sentido clínico com que antes o detalhara para si mesma, feito uma testemunha descrevendo detalhes específicos à polícia, como a cor do cabelo e a altura, mas notar, notar mesmo — que Ramsey Acton era um homem impressionante.

Um homem realmente impressionante.

Na verdade, era devastadoramente, vertiginosamente atraente.

Não devia ter sido visível em termos objetivos, embora os olhos de Irina talvez tivessem ficado arregalados, um pouco inchados, escurecidos no centro. Só que, por mais imperceptíveis que tivessem sido suas manifestações externas, a alteração que ela sentiu por dentro foi tudo, menos sutil.

Se Ramsey não a beijasse, ela morreria.

— Quer experimentar uma tacada, para ter ideia de como é? — propôs Ramsey, em tom agradável, mantendo a mesa entre os dois. Era a primeira coisa que dizia em meia hora.

Quando garota, Irina costumava evitar as patotas de meninos grosseiros que zanzavam pelos corredores da escola, por ser líquido e certo que eles fariam comentários cruéis à sua passagem, chamando-a de cara de jumento. Vivera seu quinhão de pavor das provas até chegar à universidade, e era comum ter um branco na hora de dar respostas que sabia. Tendara a se agitar quando os namorados

dirigiam acima do limite de velocidade. Em circunstâncias comuns, seria capaz de lembrar, embora não nesse exato momento, do medo que sentira de que Lawrence não voltasse a telefonar, depois de eles dormirem juntos pela primeira vez. Na vida profissional, estava mais do que familiarizada com a tendência a adiar o momento de abrir um envelope de uma editora, que poderia conter um pedido seco de que ela fizesse o favor de retirar sem demora os frutos de seis meses de trabalho em seus escritórios apinhados. Em Londres, ela havia encarado sua quota de pavores de bombas do IRA no metrô, ainda que, depois de tantos blefes, a probabilidade de voar instantaneamente pelos ares sempre lhe houvesse parecido remota.

A ideia é que, como acontece com a maioria das pessoas, o medo não era estranho a Irina. Ela sabia a que os outros se referiam quando usavam essa palavra. Mas, até as 2h35m do dia 6 — não, agora já era dia 7 — de julho de 1997 talvez nunca tivesse sido tomada por um pavor tão abjeto, em estado bruto.

Convocada, Irina obedeceu. Sua vontade fora desarticulada, pelo menos aquela vontade trivial, a vizinha mandona que a fazia pôr a roupa suja no cesto ou trabalhar uma hora a mais no estúdio, quando já não estava disposta. Era possível que existisse outro tipo de vontade, uma instância que não ficasse acima ou ao lado dela, mas que fosse ela. Se era assim, essa volição mais potente havia assumido o controle. Era de uma natureza tão eclipsante que Irina não pôde mais tomar decisões, propriamente falando. Ela não *decidiu* juntar-se a Ramsey perto da mesa; simplesmente se levantou.

Quando transpôs a distância que a separava dele, sua sensação de poder cair a qualquer momento não lhe pareceu causada pelos saltos altos, pelo baseado nem pelo conhaque. A precariedade do equilíbrio estava em sua cabeça, como um distúrbio do ouvido interno. Dizem que os pilotos de avião podem ficar tão desorientados que já não sabem o que é para cima e o que é para baixo. Especialmente antes do advento dos instrumentos de navegação, muitos pilotos, em meio à neblina, haviam embicado o nariz da aeronave e se estatelado no chão. Mesmo na atualidade, com seus altímetros confiáveis, um amador ainda era capaz de ficar tão convencido de sua orientação interna que desafiava a leitura do painel e entrava voando na casa de alguém. Se não se podia confiar numa intuição tão primária quanto saber qual era a direção ascendente, com certeza a bússola moral era igualmente passível de uma disfunção fatal.

Quando Irina se aproximou de Ramsey — cujo contorno agora era emoldurado por uma borda fina e branca, como se fosse recortada de uma revista —, tudo o

que havia acontecido a noite inteira se ajustou. Ele se aproveitara de propósito do fato de Lawrence estar viajando. Deslumbrara Irina com um belo jantar e introduzira de mansinho histórias sexuais sugestivas, vindas da adolescência. Ele a *havia embriagado*, o que, ao longo dos séculos, tem sido uma construção gramatical adorada pelas mulheres que relutam em assumir a responsabilidade por aquilo que bebem. Do mesmo modo, ele a *deixara doidona*. Usara de sedução para levá-la a sua casa, onde tinha feito uma exibição de mestria na mesa de sinuca, para deixá-la cega diante de seu status de celebridade. E, agora, essa história do “Quer experimentar uma tacada?” levava a palma. Ramsey, ingênuo? Irina é que era ingênua, uma cabeça de vento boboca e frívola que estava caindo nos braços de seu sedutor como uma maçã cai de uma árvore.

A revelação da astúcia de Ramsey veio tarde demais. Irina não conseguia tirar os olhos da boca do homem e daquelas íris azul-acinzentadas de lobo, o que Betsy lhe havia garantido que ele não era. Sacrificialmente parada a seu lado, ela se ofereceu para o abate.

Ramsey entregou-lhe um taco tirado da taqueira e disse:

— Armei uma jogada, aquela vermelha na caçapa do centro.

Irina pensou com seus botões: *Você armou alguma coisa, demolidor, quanto a isso não há dúvida.*

Ramsey ajudou-lhe o taco na mão direita. Inclinando-se sobre a mesa, demonstrou a posição certa para mirar a bola. Irina seguiu as instruções. Quando ele murmurou que era preciso “bater para *atravessar* a branca” e não “recuar depois do contato”, Irina aspirou seu hálito, que recendia a conhaque e fumo tostado. Quando ele estendeu a mão por trás de suas costas para ajustar o ângulo do taco, os dedos de ambos se tocaram.

No entanto, desafiando sua própria instrução de não “recuar depois do contato”, ele afastou a mão num reflexo. Ao insistir em que ela descesse mais a mão em direção à sola do taco, Ramsey se absteve da opção pedagógica de deslocar a mão dela com a sua. Virando o rosto para o dele, Irina espantou-se ao deparar com uma expressão de inocência idiótica.

E finalmente *sacou*. O “Furacão” Alex Higgins? O “Foguete” Ronnie O’Sullivan? Jimmy White, o “Ventania”? Sem dúvida, muitos jogadores de sinuca eram velhos. Bebiam, fumavam, galinhavam; nunca hesitavam em “transar com a mina de outro cara”. E, justiça seja feita, Ramsey dava suas tragadas, era chegado à erva e a garrafa não lhe era estranha. Mas, num aspecto, ele e seus infames concorrentes decididamente se separavam: *Ramsey Acton era um bom homem*. Podia ser que

achasse Irina atraente; ela não poderia culpá-lo por isso. Mas ela havia descrito seu relacionamento como sólido, satisfatório e permanente. E Ramsey era amigo de Lawrence.

Se alguém ia beijar alguém nessa noite, ela que precisaria tomar a iniciativa.

Mesmo deixando de lado a relevante questão de Lawrence, era uma perspectiva perturbadora. Talvez Ramsey nunca tivesse pensado nela daquele jeito. No mínimo, Irina corria o risco de passar pela mortificação que Estelle havia sentido ao tirar a blusa e ver Ramsey Acton, adolescente, fugir aflito para sua bicicleta.

Mesmo assim, poderia ser uma decisão insignificante. Bêbados e confusos, era comum os farristas fazerem coisas, altas horas da noite, pelas quais se desculpavam de manhã com um risinho minimizador. Mas a minimização desses momentos era para outras pessoas. Porque Irina soube com perfeita certeza que se achava, naquele instante, na encruzilhada que mais teria repercussões em sua vida.

— Eu quase ia me esquecendo — disse, com um sorriso trêmulo. — Feliz aniversário.